

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS  
DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

EDUARDO KAWAMURA

Discurso hegemônico e contra-hegemônico: as contradições de classe a partir  
das vozes sociais presentes no romance “*Levantado do Chão*” de José  
Saramago.

São Paulo

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS  
DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Discurso hegemônico e contra-hegemônico: as contradições de classe  
a partir das vozes sociais presentes no romance “*Levantado do Chão*”, de José  
Saramago.

EDUARDO KAWAMURA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Estudos Comparados de Literaturas de Língua  
Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e  
Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção  
do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Dra. Rejane Vecchia da Rocha e  
Silva

São Paulo

2012

## **Dedicatória**

*Aos meus pais.*

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, Roberto e Lucimar, pelo constante apoio e compreensão.

À minha irmã, Regina, pelos debates literários.

À Carolina, minha filha e à Poliana, pela companhia nas horas mais difíceis.

Aos camaradas de luta política, em especial à Jociane, pela dedicação. Ao Serginho, do Espaço Cultural Carlos Marighella, ao Renato, do Espaço Cultural Mundo da Lua e as suas Sextas Socialistas e a Cileda, por me apresentar a obra de Antonio Gramsci.

Aos diversos amigos do “Negro” e do “Eduardo Prado”.

À professora e orientadora Rejane Vecchia pela confiança durante toda a realização deste trabalho.

## Resumo

Kawamura, Eduardo. **“Discurso hegemônico e contra-hegemônico: as contradições de classe a partir das vozes sociais presentes no romance *Levantado do Chão*”, de José Saramago**”. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012, 90 p.

O objetivo deste trabalho é estudar as conformações discursivas polêmicas presentes na obra *Levantado do Chão*, de José Saramago. Tendo por formulação teórica inicial o processo dialógico da linguagem, contata-se que, a partir de diferentes vozes sociais apresentadas pelo romance, acaba o autor por apresentar a partir do campo ficcional as tensões sociais que se desenvolvem ao longo do século XX em Portugal, na região de Monte Lavre. Comparativamente, a partir destas construções discursivas problematizamos os enunciados dos camponeses e dos proprietários rurais que, ao longo da narrativa, acabam por nos apresentar sob a perspectiva dialética um quadro concreto da dimensão histórica do período retratado.

Palavras-chaves: intelectual orgânico, materialismo histórico, dialogismo, semiótica, José Saramago, Antonio Gramsci.

## Abstract

Kawamura, Eduardo. "Speech hegemonic and counter-hegemonic, class contradictions from voices present in the social novel *Levantado do chão* by José Saramago. Thesis (Master). Faculty of Philosophy and Humanities, University of São Paulo, 2012, 97 p.

The objective of this work is to study the conformations present in the work discursive polemics *Levantado do chão* by José Saramago. Since the initial theoretical formulation for the dialogical process of language contact that, from different social voices presented by the novel, the author ends by presenting the field of fiction from the social tensions that develop throughout the twentieth century in Portugal in the region of Monte Lavre. Comparatively, from these discursive constructions confront the statements of peasants and landowners who, throughout the narrative, just for introducing us to a dialectical perspective in the specific context of the historical dimension of the period portrayed.

Keywords: organic intellectual, historical materialism, dialogism, semiotics, Jose Saramago, Antonio Gramsci.

## **Sumário**

- 1. Apresentação p.8**
  - 1.1 – Alguns caminhos para uma leitura do romance p.11**
  - 1.2 – José Saramago: uma significativa produção literária p.17**
- 2 – Confluências e Divergências: discurso hegemônico e discurso contra-hegemônico p.21**
  - 2.1 – Possibilidades de florescimento de um discurso contra-hegemonico p.25**
  - 2.2 – Estrutura Narrativa p.38**
  - 3 – *Levantado do Chão* p.47**
    - 3.1 – A respeito das personagens: a emergência da consciência de classe p.51**
    - 3.2 – Configurações do espaço narrativo: o latifúndio e os homens p.72**
    - 3.3 - O percurso do tempo: entre o tempo mítico e o materialismo histórico p.82**
- 4. Considerações finais p.91**
- 5. Bibliografia p.93**
  - 5.1. Do autor p.93**
  - 5.2. Teórico-metodológica p. 95**

## 1. Apresentação

A presente dissertação tem por objetivo discutir as formas do comportamento político enquanto realidades discursivas manifestas no romance *Levantado do chão* de José Saramago. Para tanto são imprescindíveis as articulações possíveis entre o contexto literário exclusivamente textual e o contexto situacional, ou seja, aquele que se remete à realidade concreta. Como nos ensina Bakhtin, tudo que se encontra nos domínios do signo é ideológico<sup>1</sup> e o discurso, portanto, representa o *locus* concreto e privilegiado de manifestações ideológicas, pois também nesse âmbito se organizam valores, saberes e crenças em uma sociedade historicamente constituída. O texto literário, em sua relativa autonomia, traz consigo, inevitavelmente, assim como qualquer expressão e código humanos, valores ideológicos e nesta pesquisa nos interessa principalmente na medida em que se encenam sobretudo as contradições entre o campo político hegemônico e o contra-hegemônico - este que será representado ao longo da narrativa por intermédio da tomada de consciência histórica da família Mau-Tempo.

---

<sup>1</sup> BAKHTIN, Mikhail (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec.



Entendida, em grande medida, como mero instrumento de deleite intelectual, a literatura tende a aparecer para a grande população como uma espécie de mercadoria de entretenimento em que valores específicos, de acordo com seus diferentes gêneros e apresentações, vem atender diferentes demandas de públicos, inclusive, passando pelo crivo de críticos, muitas vezes tão leigos quanto os próprios consumidores. Tendo por orientação teórica a problematização de tais reduções, utilizaremos como bússola a orientação sociológica da análise textual, seguindo algumas considerações fundamentais a esse respeito de Antonio Candido, e assumindo como ponto de partida o princípio da não neutralidade do discurso<sup>2</sup>.

A análise crítica proposta, portanto, procura desenvolver uma discussão em torno da estrutura social campesina do Alentejo presente no romance, buscando compreender o caráter ideológico da obra, calcado este no engajamento político e na afirmação histórica de personagens pertencentes às camadas populares distantes das hierarquias de poder político e econômico e que se organizam em meio a valores sociais estabelecidos a partir dos parâmetros hegemônicos desse mesmo poder. Sendo assim, o estudo pretende analisar as formas do comportamento político enquanto realidades discursivas em duas instâncias: primeiro, o sentido político do texto literário, observando, por um lado, o romance enquanto objeto social e político por

---

<sup>2</sup> “A língua, caracterizada dessa forma, não é neutra e sim *complexa*, pois tem o poder de instalar uma dialética interna, em que se atraem e, ao mesmo tempo, se rejeitam elementos julgados inconciliáveis. Os vários percursos semêmicos de um lexema explicam-se por essa polivalência da língua. As ideologias, sobretudo a dominante, tentam colocar o signo acima da luta de classes e esconder suas contradições internas, tornando-o monovalente e “neutro” BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso. Fundamentos Semióticos*. São Paulo: Atual Editora, 1988.

natureza e, segundo, o escritor enquanto intelectual responsável pela produção cultural dentro de um universo de circulação sócio-cultural ao qual pertence, produzindo interpretações e visões de mundo, às quais, sob o ponto de vista do poder, também podem disputar um lugar na produção de sentidos. Assim sendo, a literatura não deixa de ser um produto social, e como parte disso, carrega consigo seus conflitos e contradições, funcionando como formadora de visões de mundo.

A obra “*Levantado do Chão*” de 1979, publicada portanto alguns anos após o fim da ditadura salazarista em Portugal, caracteriza-se pela afirmação no plano ficcional de um comportamento político - manifesto por meio do tratamento dado à construção das personagens e de suas respectivas contradições sociais - que será predominante em vários romances do autor sobretudo aqueles produzidos até o *Evangelho segundo Jesus Cristo*, e que fortalecem ao longo dessa primeira fase da produção literária de Saramago, os entrelaçamentos entre a ficção produzida e suas recorrentes declarações aos órgãos da mídia, imprimindo, sem dúvida, o sentido político do texto literário mas também a força e a identidade próprias de Saramago.

Seguindo, então, algumas das reflexões de Saramago dentro e fora do campo ficcional, é possível afirmar que mesmo após as teorias que na década de 1990 defendiam o fim da história bem como a morte da política, lembramos aqui sobretudo as observações de Fukuyama abertamente criticadas por Saramago, percebemos hoje que a dinâmica das contradições econômicas inevitavelmente permanece central, com preocupações focalizadas ainda em torno dos pequenos segmentos sociais dominantes, hegemônicos e detentores, sem dúvida, não só da produção de bens, mas também da circulação de ideias

e pensamentos. Assim, podemos perceber as significativas articulações que historicamente vão surgindo em torno dos sentidos produzidos pelo campo literário e as possíveis e constantes brechas ou trincheiras - para recorrermos aqui às reflexões de Gramsci -, entre arte e resistência. Podemos, então, depreender que o campo literário é um importante mediador de diferentes interesses políticos e econômicos em disputa, capaz de produzir sentidos diversos da dimensão política como o faz José Saramago incidindo sobre um ao fazer literário conciliado a um fazer político, transformando o intelectual nesse agente mobilizado e/ou atento a diferentes concepções éticas, sociais e políticas a partir de seu respectivo momento histórico.

### **1.1 – Alguns caminhos para uma leitura do romance**

Edward W. Said, em seu livro *Representações do intelectual*<sup>3</sup>, nos apresenta um diálogo entre visões de diferentes autores sobre o papel desempenhado pelo intelectual. No ensaio citado, Said parte de extremos opostos: Gramsci e o seu conceito de intelectual orgânico, participativo e militante, e Julien Brenda, que associa os poucos intelectuais que considera “verdadeiros” a uma espécie de clerezia. Mesmo que destacando as diferenças das formas de participação e de inserção efetivas do intelectual no campo social, Said, na leitura comparativa que estabelece entre aqueles teóricos, conclui acerca da importância da experiência política do intelectual e que deve

---

<sup>3</sup> SAID, Edward W. *Representações do Intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

se manifestar por meio de seu trabalho a partir de uma experiência social vivenciada diariamente<sup>4</sup>.

Partindo de tal pressuposto e considerando a produção literária especificamente, podemos retomar algumas considerações de diversos escritores ao longo do tempo. Lembremos, como exemplo, a ideia de neutralidade propagada pelo naturalista Émile Zola ao longo de boa parte de sua carreira o quanto se mostrou frágil diante da indignação causada pelos desdobramentos do caso Dreyfus, tornando-o um ativo militante em defesa de liberdades individuais e quão importante foi sua intervenção pública por meio da escrita e de seu talento literário. Castro Alves associou grande parte de sua produção ao engajamento contra a escravidão, assim como Graciliano Ramos produziu uma narrativa que se remete em grande parte aos graves problemas sociais gerados pelo sistema econômico e político do Brasil nos anos 30, e que nos serve até hoje como fonte documental para a construção de uma leitura possível a respeito das condições de vida das populações distantes dos grandes centros.

Remetemo-nos a estes exemplos pois que se tratam de escritores que assumiram no plano da produção literária um engajamento político-ideológico e transformaram sua produção ficcional em um campo também bastante propício

---

<sup>4</sup> No decorrer do trabalho o termo intelectual aparecerá diversas vezes. Utilizaremos o termo a partir da definição dada por Antonio Gramsci. A fim de esclarecimento, a definição de Lincoln Secco pode servir como um parâmetro de conceituação. “Intelectual é todo aquele que cumpre uma função organizadora na sociedade civil. Gramsci amplia a velha noção de intelectuais tradicionais. Estes eram uma camada específica da sociedade (clérigos, advogados, escritores, professores universitários, etc). Os intelectuais também podem ser orgânicos, produzidos por uma classe social no seu desenvolvimento histórico. Cada classe social que desempenha um papel fundamental na produção e organização econômica deve ter, assim, os seus próprios intelectuais”. SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil. Recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez, 2002.

e fértil para a discussão dos embates e das contradições sociais de seus respectivos tempos e espaços. Dessa forma, voltamos a enfatizar que toda escrita - intencionalmente ou não - é por si só ideológica e, por isso, carrega consigo uma orientação política, mesmo que implícita. Assim sendo, mesmo não tendo por intenção final convencer ou converter seu leitor a respeito de algo, o texto literário acaba por trazer consigo determinantes ideológicos que, de alguma forma, seguem adiante.

O líder comunista italiano Antônio Gramsci produziu ao longo de sua militância revolucionária diversas reflexões dentro do campo marxista que deram uma nova luz às pesquisas culturais realizadas desde então. Distanciando-se da ortodoxia teórica de seu tempo, cujo escopo começa a definir-se pela linha stalinista, deixa de lado o reducionismo determinista de então para fixar-se em uma linha chamada por ele de “filosofia da práxis”. Superando o “dogma” de então, que estabelecia a superestrutura como sendo apenas um reflexo das estruturas determinantes (ou seja, os fatores de produção definiam objetivamente tudo o que pensamos, sentimos e fazemos), Gramsci traz como fundamento a interação dialética entre os fatores culturais e as estruturas econômicas. Via, deste modo, que uma transformação não se daria apenas a partir de transformações nos modos de produção e sim, e somente se, junto a isso, se modificasse o nível de consciência do proletariado (seguindo algumas diretrizes básicas do que Marx e Engels já haviam apontado anteriormente).

Assim, a tarefa política de então seria a de formar intelectuais dentro da própria classe trabalhadora, para que, a partir desse processo, houvesse acúmulo de forças sociais capazes de impulsionar uma ação transformadora, o

que diferia muito da ideia de então, cuja espera pelo amadurecimento das contradições do capitalismo levariam automaticamente ao socialismo. Definia, portanto, tais atores sociais como sendo Intelectuais Orgânicos, ou seja, sujeitos ativos, vinculados ao movimento revolucionário, comprometidos com a classe trabalhadora<sup>5</sup>.

Poderíamos, então, apontar para as possíveis confluências entre a produção literária de Saramago a partir da teoria da práxis de Gramsci uma vez que o escritor português parece conciliar sistematicamente o papel do escritor ao do cidadão, quer dizer, a sua produção ficcional baseia-se fundamentalmente em uma prática cotidiana que pretende ser também uma intervenção social. Saramago acaba por assumir, assim, a postura de um escritor comprometido com uma determinada posição política em disputa e em conflito com uma dada ordem hegemônica vigente seja ela econômica, política e até mesmo cultural. Militante do Partido Comunista Português desde 1969 (sendo colaborador ativo há muito mais tempo), ao longo de sua vasta carreira intelectual posicionou-se sempre criticamente em relação aos resultados nefastos da economia capitalista aliando-se aos movimentos em defesa dos interesses da imensa maioria distante do eixo de poder central econômico mundializado.

Dessa forma, se no plano da vida social Saramago se apresenta como exemplo de *Intelectual Orgânico*, em seus romances, de forma recorrente, isso se manifesta por meio de personagens que vão construindo um dado

---

<sup>5</sup> No decorrer deste trabalho retomaremos a definição de *Intelectual* definida por Gramsci. Para o autor, os intelectuais adquirem importância fundamental para a consolidação de determinada condição histórica, pois é a partir deste que superestrutura e infraestrutura se integram, formando o que chama de *bloco histórico*.

conhecimento em torno de suas respectivas realidades. Ao se libertarem das amarras muitas vezes invisíveis de uma realidade atroz e miserável e em movimentos de solidariedade - de classe - tais personagens se aproximam de tantas outras sinalizando a construção dos processos de libertação. Assim, a partir de um olhar cuidadoso e de um procedimento de escrita sempre dialético emerge do texto literário um jogo discursivo atento às contradições sociais contemporâneas. É possível perceber, portanto, as imbricações estabelecidas entre a construção dialógica do discurso - que torna possível a ascensão das diversas vozes que vão compor a narrativa, - para assim entendermos de que forma se desenvolvem as personagens e, comparativamente, contrapor dialeticamente as diferentes vozes sociais que se apresentam ao longo do texto. Tais vozes serão representadas a partir das tensões sociais propostas ao longo do romance e acabarão por apresentar as contradições inerentes à estrutura social delineando-se ao longo da narrativa as tensões próprias entre os campos hegemônicos e contra-hegemônicos.

O *corpus* deste trabalho baseia-se principalmente no romance *Levantado do Chão* na medida em que se apresentam nesse romance sujeitos que se organizam politicamente em meio à exploração do latifúndio. Justamente pelo fato de se tratar de um marco quase que inicial na carreira literária de Saramago, é possível afirmar com alguma certeza que as estratégias discursivas empreendidas por Saramago neste romance se ampliam aos demais romances definindo, de fato, o tipo de escrita politicamente comprometida que o escritor marcaria como tônica de sua produção literária. É certo que não é objetivo, nem mesmo caberia nos limites desta dissertação, um diálogo complexo com as demais obras do autor, no

entanto, vale sinalizar a inevitável aproximação com o universo maior das personagens de Saramago que se aproximam significativamente uma vez que o autor as aproxima sistematicamente ao reforçar o seu interesse em refletir acerca da realidade de seu tempo a partir de um olhar que se constitui a partir das bases da sociedade portuguesa.

Para tanto, como ponto de partida serão considerados os elementos estruturais da narrativa, sobretudo o que se remete à construção das personagens, o modo como se modificam em relação ao espaço, e as diversas transformações pelas quais irão passar. A questão do tempo e o modo como o romance norteia a história de Portugal, da República até a Revolução dos Cravos, e o modo como o narrador articula as ações e apresenta as diferentes vozes sociais em conflito, serão analisadas comparativamente, definido o que é o discurso conservador, hegemônico, de um discurso contestador, contra-hegemônico dentro do texto. Como ferramenta teórica, muitas contribuições advindas dos estudos linguísticos do texto foram utilizadas, sendo que, as fundamentações e os esquemas de análise da narrativa tomam de empréstimos, em grande medida, as diversas contribuições da semiótica nesta área.

Assim, a fim de definirmos um campo teórico mais alargado a partir de onde investigaremos o romance "Levantado do chão", trabalharemos a partir do conceito linguístico de discurso, levando em conta as contribuições importantíssimas de Bakhtin, tendo em vista o fenômeno social do fazer discursivo. Para tanto, então, retomaremos as importantes considerações de Antonio Gramsci em sua leitura acerca das concepções de hegemonia e contra-hegemonia, para, assim, fortalecermos as possibilidades de elaborar



uma análise da narrativa tendo em vista em perspectiva comparatista, os discursos presentes no texto. De um lado, é possível perceber a elaboração dos discursos que acenam para a construção dos enunciados hegemônicos, e de outro, dos enunciados contra-hegemônicos, e nessa tensão proposta ao longo do romance analisar, enfim, a narrativa ficcional em sua potencialidade política.

Também é fundamental apontar para a importância das leituras que envolvem os textos de Paulo Freire que nos auxiliam nas análises da tensão dialética disposta na articulação entre as personagens dentro da narrativa, tendo em vista um sujeito atingido pela opressão histórica dentro da qual se encontra, até o início de sua compreensão acerca das possibilidades de sua emancipação política, de fato, através da luta organizada. Dessa forma, trazemos, então, o conceito de intelectual orgânico para podermos entender no romance a dinâmica da construção de lideranças entre as classes trabalhadoras.

## **1.2 - José Saramago: uma significativa produção literária**

Filho de trabalhadores, Saramago vivenciou uma infância humilde, entremeada de dificuldades advindas das baixas condições econômicas às quais sua família esteve sempre sujeita. Assim, de tais condições sociais impostas, Saramago acabou por assumir o compromisso de transpor para à sua atuação profissional, seja como jornalista ou como escritor, uma militância política sempre aliada à sua origem de classe. Se na maturidade alcançou o

*status* advindo do Prêmio Nobel, durante parte significativa de sua vida, no entanto, experimentou condições muito semelhantes às vividas por alguns de seus personagens<sup>6</sup> e, assim, ao partir de uma experiência de vida muito aproximada às aquelas realidades junto aos mais pobres, afinal como um deles, Saramago consegue com excelência (e pela preocupação motivada por essa mesma experiência e agora transformada em tema central de sua escrita) conciliar os limites entre a realidade e a ficção para, no âmbito também do ficcional, construir as imagens de ação e de intervenção no espaço social. Dessa forma, emerge uma das características mais marcantes de seus romances, isto é, uma construção discursiva a partir da percepção e da potencialização de uma voz coletiva que aos poucos se constitui no cenário social, fato este que torna seus trabalhos, dialeticamente, um entrecruzar de elementos políticos, religiosos, econômicos e sociais, historicamente envolvidos, sempre, de modo tenso e contraditório.

Em *Levantado do Chão*, o percurso da família Mal-Tempo vai se tornando cada vez mais importante ao retratar, de acordo com um longo percurso histórico estabelecido (do início do século XX até pouco depois do 25 de abril de 1974), a construção de um dado conhecimento acerca da realidade de Portugal sob o ponto de vista do camponês alentejano (espaços descritos ao longo do romance). No entanto, para além dessa essencial tomada de consciência que se realiza entre esses trabalhadores é importante observar a

---

<sup>6</sup> “O **Levantado do Chão** era uma questão de outro tipo que eu tinha de resolver e que tinha a ver com a minha própria vida, com o lugar onde nasci; eu não nasci no Alentejo, mas, **mutatis mutandis**, a história é a mesma. Assim como se eu tivesse que agarrar naquela gente que foram os meus avós, os meus pais e os meus tios, essa gente toda, analfabetos e ignorantes, e tivesse que escrever um livro” CEU E LIMA, João. *Uma Longa viagem com Jose Saramago*. Porto: Porto Editora, 2009, p. 63.

maneira como isso ocorre, ou seja, a organização de um significativo e histórico movimento de classe social - a do camponês. A partir de tantas vozes daqueles alentejanos cujas condições precárias de miséria acabaram por aproximar, o leitor é capaz de perceber em tais histórias vividas a realidade de um país alicerçado na exploração do trabalho.

No movimento social dialético que Saramago procura projetar para a escrita ficcional, o romance, inevitavelmente, também abarcará as vozes e as forças socialmente e economicamente dominantes, as vozes tradicionais e conservadoras, estabelecendo as relações e as tensões de força presentes na estrutura social representada, então, na estrutura ficcional recorrendo não poucas vezes ao uso de ironias finas e de muito senso de humor. Nessa toada, surgirão os poderosos Bertos, os católicos Agamedes, os violentos capatazes, os bárbaros soldados, representantes todos de uma estrutura social ligada aos interesses econômicos dominantes. Portanto, é possível perceber a elaborada estrutura social que o romance pretende construir a partir dos conflitos de classe que se vão tecendo na dinâmica do trabalho camponês alentejano. Nesse sentido, vale destacar a pesquisa de campo (literalmente) empreendida por Saramago: uma grande coleta de informações *in locus* realizada pelo próprio escritor que durante alguns meses se deslocou para o Alentejo<sup>7</sup>.

Muito diferente das antigas narrativas tradicionais, as quais se caracterizam por um fio condutor discursivo perceptivelmente monológico,

---

<sup>7</sup> “Neste momento [1978] estou a escrever um livro sobre o Alentejo. Um romance. *Levantado do Chão* é o título. Para me documentar, para recolher material, para ver e ouvir pessoas, para cheirar, saborear e tocar, passei dois meses no conselho de Montemor-o-Novo. É um trabalho de grande responsabilidade, quase assustador. De vez em quando, volto ao Alentejo. É uma maneira de manter a tensão de que necessito para prosseguir o livro” SARAMAGO, José. *As Palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.272.

“Levantado do Chão” é um romance atual e que procura ampliar o seu foco narrativo na medida em que se vale da perspectiva dialógica e portanto plural (característica que imprimirá cada vez mais força aos bons romances modernos). Procura trazer para o eixo central da estrutura narrativa as “miudas” vozes conseguindo ampliar o campo de visão em relação as diferentes (e conflitantes) classes sociais que compõem a estrutura social portuguesa e acaba por produzir uma visão ampliada que busca um sentido de totalidade do quadro retratado evidentemente dentro, sempre, de uma tensão dialética.

Em seus romances posteriores, tais estratégias e procedimentos discursivos irão se reproduzir e se desenvolverão ou se modificarão, mas, de alguma forma, retomarão o percurso iniciado em "Levantado do chão" que inaugurará a sua forma particular de escrever. Trazer elementos da história de Portugal ou fazer referência a dados que de alguma forma estiveram presentes e marcaram essa história, são elementos relevantes da pesquisa empenhada por Saramago para a construção de sua narrativa ficcional. Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, por exemplo, Saramago elabora uma reconstrução histórica primorosa de Portugal dos anos 30, onde um Ricardo Reis conservador, deveras covarde, assiste a um dos movimentos históricos mais violentos do século XX: a ascensão do fascismo e do nazismo. No entanto, é a partir de uma figura feminina fortíssima, Lídia, que se percebe a existência insólita do heterônimo. Deste jogo de interesses e posturas contrários estabelecido entre Ricardo Reis e Lídia, o narrador historiciza a trama remetendo-se à ascensão dos movimentos totalitários na Europa entre guerras, e compõe um olhar apurado e cuidadoso que procura abarcar o mito literário que é Ricardo Reis,

mas para mostrar as suas fragilidades, o seu senso comum e sua mediocridade diante da repressiva ascensão nazi-fascista.

Outro exemplo significativo é o romance *Memorial do Convento*, livro em que Saramago reúne os dados colhidos em relação aos operários que construíram o convento de Mafra. Sob a ótica do trabalhador braçal, emergem Blimunda, Baltazar e o padre Lourenço, vozes novamente "miúdas" que sinalizarão novos projetos, sonhos e desejos, na contínua contramão do sistema de poder político-econômico vigente. Ainda assim conseguem realizar o que seria impossível: opor-se à violência da inquisição. As vozes dissonantes aos sistemas de poder irão, portanto, destacando-se na produção literária de Saramago como força motriz para uma almejada transformação social que para o escritor, sempre, estiveram latentes na estrutura social portuguesa.

## **2 – Confluências e Divergências: discurso hegemônico e discurso contra-hegemônico.**

Durante boa parte de seu desenvolvimento, a linguística adotou a frase como um dos seus principais marcos. Assim, ao longo da primeira metade do século XX, o que ficou conhecido como “estruturalismo” cuidou de desenvolver uma sólida teoria, cujo fenômeno recaía sobre o que foi reduzido ao conceito abstrato de língua, ou seja, uma estrutura imanente a qual qualquer produção verbal obrigatoriamente é remetida. Segundo seu fundador, Ferdinand de Saussure, a língua, o objeto da linguística, deveria ser isolada de sua manifestação social concreta, isto é, a fala.

Contudo, novas demandas são impostas aos estudiosos da linguagem, e, principalmente a partir dos anos 60, uma preocupação cada vez maior em buscar uma linguística que ultrapassasse os limites das frases produz novas reflexões, tanto no que diz respeito ao próprio momento de produção de enunciados (pragmática), quanto ao texto enquanto totalidade significativa (estudos semióticos do texto). Atualmente, muito se tem acumulado nestes estudos no que diz respeito à análise formal de narrativas, construída, principalmente, no grande campo da análise do discurso.

No caso, o romance em que temos nos debruçado apresenta particularidades linguísticas (discursivas) que, lançando mão de alguns conceitos do campo do conhecimento acima descritos, podem nos orientar no que diz respeito ao modo pelo qual o texto se constitui.

*Levantado do Chão* é um romance político por excelência. Seja pelo fato de ter sido publicado em período de efervescência e transformação social, seja pelo fato das posições assumidas pelo autor, o livro se apresenta em meio à consolidação de uma nova conjuntura social em Portugal. Contudo, ao contrário de que poderia ter acontecido, ao contar a história do camponês do Alentejo, o autor, para isso, se debruça diante da elaboração de diversos discursos, tensionando e criando as múltiplas possibilidades discursivas - muitas vezes polêmicas - a partir de vozes e de relatos, advindos de diferentes estratos da sociedade.

Justamente este trabalho formal nos diz respeito à realização de um foco narrativo multifacetado e cuidando para não incidir no lugar comum das formas de pensar e falar, Saramago consegue distanciar seu romance dos

tradicionais romances panfletários, dando força a personagens que verticalmente falarão sobre suas condições de vida. Ao se remeterem às profundas cisões da estrutura social e buscar uma compreensão a respeito disso, o próprio processo de formação dessa consciência acaba por servir de recurso estilístico para que Saramago possa diluir suas possíveis pretensões ideológicas ao longo do caminho trilhado pelas personagens. Consegue garantir ao texto o distanciamento necessário retirando dele quaisquer características panfletárias, comuns em empreitadas de tal porte<sup>8</sup>.

Ao iniciarmos a leitura do romance alguns aspectos da sua estrutura reclamam a atenção do leitor. O primeiro capítulo, por exemplo, se organiza em torno de um narrador onisciente mas que está distante de seu objeto de análise - a estrutura social a partir da qual inicia sua jornada. Outro exemplo é o da linguagem. Não há marcas que delimitam a alternância da voz do narrador com outras vozes - das personagens - que em contraposição à do narrador ou não começam a emergir da e na história. Temos, então, a confluências dos discursos direto, indireto e indireto-livre que se alternam dasavisadamente ao leitor, cabendo a este identificar nessa profusão de vozes quem está falando. Se fôssemos distinguir didaticamente algumas aproximações discursivas, teríamos, no mínimo, uma voz central de um narrador onisciente, muitas vezes irônico e identificado com a vida dos camponeses alentejanos, com sua

---

<sup>8</sup> *Claro que eu penso aquilo que penso e sou aquilo que sou e do ponto de vista político, ideológico e filosófico isso está nos meus livros. Mas sem que eu tivesse que preocupar-me com uma frase de Engels – e o Engels não era qualquer pessoa! – há uma carta em que ele responde a uma jovem escritora que lhe pedia conselhos e em que diz: “Quanto menos se notar ideologia melhor”. Essa frase podia-me ser aplicada.* CÉU E SILVA, João. *Uma Longa Viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora, 2009, p. 53.

experiência de vida e portanto de sua história. Vê-se assim mobilizado pelas diversas vozes que representam situações e demandas vividas pelo trabalhador do campo e revela-se aos poucos contrário àquelas vozes que soam em uníssono com a manutenção das condições sociais retratadas, fortemente associadas ao latifúndio, a igreja e ao Estado, ao poder hegemônico afinal.

Segundo a estudiosa Ingedore Koch, a *“linguística do discurso, isto é, uma linguística que se ocupa das manifestações linguísticas produzidas por indivíduos concretos em situações concretas, sob determinadas condições de produção<sup>9</sup>”*, e tais observações nos ajudariam a esclarecer alguns pontos do texto de Saramago, no que diz respeito a sua composição. Primeiro, se entendermos o discurso como sendo um ato socialmente dado, determinado pelas condições de produção, em uma sociedade de classes cujo processo de distribuição dos bens produzidos se dá sempre de forma desigual, gerando termos tão dispares quanto a opulência e a miséria, tornando tais marcas evidentes em suas situações de produção. Tendo em vista nossa opção por uma visão materialista da história, podemos aglutinar tais discursos em dois campos de luta política, que se fazem representar pela oposição entre capital e trabalho, ou seja, aqueles que detêm os instrumentos e modos de produção e, conseqüentemente, acumulam seus produtos, e aqueles que produzem, tendo por seu apenas a força de trabalho.

Assim, tal formação social não ocorre de forma rígida e estática, porém, em um processo histórico lento e dinâmico, no qual tais forças sociais

---

<sup>9</sup> KOCH, Ingedore Vilaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo, Editora Contexto, 2001. p. 11.



se transformam dialeticamente. Contudo, para a manutenção de determinado quadro político, é necessário que um dos pólos sociais se encontre em condições de conduzir hegemonicamente as formações ideológicas, sociais e econômicas do período. No entanto, consideramos que para entendermos como se constituem tais relações discursivas, é fundamental ampliar um pouco a margem dos conceitos e verificar os sentidos atribuídos aos conceitos de hegemonia e contra-hegemonia, para, então, podermos verificar as relações entre discurso hegemônico e contra-hegemônico em *Levantado do chão*.

## **2.1 – Possibilidades de florescimento de um discurso contra-hegemonico**

O conceito de hegemonia é largamente associado ao de poder. Assim, um Estado hegemônico seria aquele que domina sobre os demais. Contudo, para nosso estudo, trabalharemos com um conceito de hegemonia que, na tradição marxista, foi desenvolvido a partir das reflexões de Antonio Gramsci, em grande parte, em período de reclusão durante o regime fascista na Itália.

Um dos questionamentos centrais nos escritos de Gramsci se refere à forma como seria possível ocorrer uma revolução socialista em um Estado capitalista fortemente industrializado e organizado, tendo no horizonte o que havia acontecido na experiência soviética.

Em uma carta, traduzida por Carlos Nelson Colinho, Gramsci afirma:

Na Europa Central e Ocidental, o desenvolvimento do

capitalismo não apenas determinou a formação de amplos estratos proletários, mas também, e em consequência, criou um aparato superior, a aristocracia operária, com seus anexos de burocracia sindical e de grupos social-democratas. A determinação, que na Rússia era direta e lançava as massas às ruas para o assalto revolucionário, complica-se na Europa Central e Ocidental por causa de todas essas superestruturas políticas, criadas pelo maior desenvolvimento do capitalismo; elas fazem com que a ação das massas seja mais lenta e mais prudente, e exigem, por conseguinte, que o partido revolucionário desenvolva toda uma estratégia e uma tática bem mais complexas e de bem longo alcance do que as que foram necessárias aos bolcheviques no período compreendido entre março e novembro de 1917.<sup>10</sup>

Em outras palavras, não bastava ao movimento revolucionário romper com as instancias repressivas do Estado para alcançar o poder, pois, em uma sociedade capitalista já desenvolvida, outros aparatos se uniam à força para exercerem domínio, inclusive àquelas advindas das próprias bases operárias. Quando ressalta o papel das superestruturas, já afirmava Gramsci que a questão a ser abordada se tratava, em grande medida, de uma dominação realizada também por intermédio de instrumentos ideológicos e culturais.

Há uma vasta discussão em torno de pontos em aberto a respeito da posição real de Gramsci em relação da questão das determinações em relação a infra e superestrutura. Porém, uma afirmação é certa: a partir de Gramsci se tornaram claras as dimensões entre poder político, econômico e ideológico para a manutenção das estruturas de dominação e a tal conjunto de forças denominamos hegemonia. Considerando o romance em questão, evidencia-se

---

<sup>10</sup> GRAMSCI, A. Apud. COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci, um estudo sobre o seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

o conjunto repressivo do Estado, mas não apenas isso. As formações ideológicas estão presentes em todo momento, na voz da Igreja, na força opressiva da polícia, na força coersitiva do Estado português, nos representantes políticos e do latifúndio, formando uma conjuntura em que é possível sustentar e consolidar um sistema opressivo também e essencialmente de exploração.

Contudo, o romance, não só em termos de linguagem, trabalha com a ruptura. E tal ruptura não ocorre repentinamente ou por alguma espécie de consciência espontânea do expoliado. Se a exploração do campo se apresenta enquanto a própria encarnação do poder, solida, imutável, protegida, há, em contrapartida, em conjunto com a tomada de consciência dos trabalhadores, uma gradual perspectiva de transformação que vai se organizando no processo de emancipação social. Assim, ao longo do texto, com o objetivo de fazer frente aos sistemas de exploração no campo, organiza-se a luta. Primeiro precariamente, depois, organicamente. Principalmente ao aproximar-se do meio da narrativa, temos claras referências a uma organização clandestina, da qual, faziam parte Sigismundo Canastro e, posteriormente, João Mal-Tempo. Reuniões, distribuição de panfletos e piquetes são ações que aparecem em diversos momentos do romance.

Logo, se por um lado, o sistema de exploração capitalista, para se manter solido, construiu, a partir de um conjunto de forças que se beneficiam de tal estado de coisas, uma hegemonia, paralelamente, constitui-se uma hegemonia alternativa, ou, uma contra-hegemonia.

Em seu livro *Marxismo e literatura*, a fim de discutir e ampliar o campo

de pesquisa em torno de uma conceituação construída a partir do materialismo dialético histórico, Raymond Willians retoma algumas discussões em torno do que realmente pensava Gramsci a respeito da hegemonia e contra-hegemonia e, segundo o autor,

a ênfase de Gramsci na criação de uma hegemonia alternativa, pela conexão prática de muitas formas diferentes de luta, inclusive as que não são facilmente identificáveis como “políticas” e “econômicas”, e na verdade não o são primordialmente, leva assim a um senso muito mais profundo e ativo da atividade revolucionária numa sociedade altamente desenvolvida do que os modelos persistentemente abstratos derivados de situações históricas muito diferentes .<sup>11</sup>

Assim, apesar de o romance apresentar momentos explícitos de militância política revolucionária por parte dos trabalhadores, é possível depreender também outras formas de resistência e de construção política, mais subterrâneas talvez, muitas vezes ignoradas pelo poder dominante e seus representantes mais desatentos, ou melhor, descuidados. Podemos também dizer que nas ações mais simples, discretas e singelas é possível se desencadear um caráter verdadeiramente revolucionário e contra-hegemonico, *pela conexão prática de muitas formas diferentes de luta*, quando a intenção, sem dúvida, é estabelecer uma contraposição ou mesmo uma resistência ao poder político-econômico estabelecido. Um exemplo disso, segue na passagem da festa de casamento de *Manuel Espada e Gracinda Mal-Tempo*.

Às tantas levantou-se o padre Agamedes, fez um gesto a pedir silêncio, um gesto só, **nem ele pedia, impunha só com o seu**

---

<sup>11</sup> WILLIANS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.114.

**levantar-se**, alto e magríssimo, era grande a perplexidade da freguesia sempre que se discutia onde meteria o padre Agamedes o que comia, e não era pouco, consoante se ia demonstrando em casamentos e baptizados, levantou-se, olhou em redor o gentio amesendado, franziu o nariz sensível ao desalinho da mesa, não têm educação, senhora dona Clemência, mas depois tomou-se de caridade, provavelmente cristã, e deu palavras, Queridos filhos, dirijome a todos e especialmente aos noivos, neste feliz dia em que tive a dita de unir pelos sagrados laços do matrimónio Gracinda Mau-Tempo e Manuel Espada, ela filha de João Mau-Tempo e de Faustina Gonçalves, ele filho de Tomás Espada e de Flor Martinha, já falecida. Haveis proferido **os votos de fidelidade e assistência que a santa madre igreja reclama de quem a ela vem para santificar a união do homem e da mulher enquanto a morte os não separar**. Mal fez o padre Agamedes em falar aqui de morte, pois já Tomás Espada fechou os olhos para não lhe saltarem as lágrimas, mas não há que segurá-las, são como água que ressumbra na fenda martirizada de um muro, toda a gente finge que não repara, é o melhor que fazem, e o padre Agamedes disse e continua a dizer, já lá vai adiante, **Esta nossa terra é pequena, mas felizmente há entre nós uma grande amizade, não se vêem aqui desavenças e zaragatas como noutros sítios por onde tenho passado**, e se é verdade que não se vai muito à igreja, mãe amantíssima que a todas as horas espera os seus filhos, também é certo que quase ninguém falta aos sacramentos, e os que faltam **são ovelhas perdidas há muito tempo, que infelizmente já não tenho esperanças de salvar**, Deus me perdoe, que um ministro do senhor nunca deve perder a esperança de levar completo o seu rebanho até ao regaço de Deus. Estava presente um dos relapsos, mais a mulher, que não desmerecia do marido, e eram eles Sigismundo Canastro e Joana Canastra, ambos risonhos como se as palavras do padre Agamedes fossem açafates de rosas, **Sem me vangloriar, tenho dado provas dos meus constantes cuidados de bom pastor, como ainda há três anos, espero que a todos tenha ficado de lembrança, quando foi daquelas greves, estão aqui alguns daqueles que então libertei da prisão, não me deixarão mentir, e, se calhar, se não fosse a boa fama de Monte Lavre teriam sido os vinte e dois metidos na praça de touros como aconteceu a outros homens de terras menos estimadas de Nosso Senhor e da Virgem, ainda que eu bem saiba que tal crédito se não deve a merecimentos meus,**

A presença do padre *Agamedes* no casamento garante a manutenção do *status quo* no âmbito das relações privadas; na presença camuflada (ou não) da força do Estado coercitivo; na legitimação das relações de força e de opressão do Estado. Contudo, dentro desse mesmo espaço onde o público e o privado se esbarram em um jogo tenso e dialético de forças, os participantes anunciam outras possibilidades de organização social ainda camufladas no crescente movimento de resistência que se inicia aos poucos. Há, sem dúvida, uma liderança a postos e nesses subterrâneos sociais - seja no campo ou na cidade - a hegemonia alternativa começa, então, a ser forjada.

Nesse contexto de crescente contestação, Padre *Agamedes* é o representante legal de uma espécie de poder espiritual estabelecido e o inquestionável representante de Deus na Terra. Não pedia, “*impunha*”. Representante , portanto, de uma ordem estabelecida em que é um dos grandes privilegiados, *Agamedes* se sente não só à vontade mas também as relações estabelecidas com a gente humilde lhe oferece um campo ainda mais propício para sentir-se acima de tudo e de todos. Em meio a carência de seus fiéis, o padre excede na comida, excede nos seus desumanos modos.

Por quê? Apenas porque ele era o poder, as pessoas apenas o serviam. Tal poder se revela quando apresenta os votos aos noivos. Ele, e somente ele, pode representar o nome da “*santa madre igreja*”, e, só assim, os noivos poderiam garantir pertencimento ao divino, transcendente e,

---

<sup>12</sup> SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. São Paulo: Bertrnd Brasil, 2010, p. 222-223 (grifos nossos).

principalmente, reconhecimento social da união. Contudo, apesar do absurdo da imponência, o discurso não pára no campo religioso e avança ao político.

Quando diz que se trata de uma terra sem “*desavenças*”, refere-se ao fato de os trabalhadores não se levantarem contra as condições de trabalhos impostas. Tal paz, associa-se a não participação política das pessoas em movimentos revolucionários e, óbvio, relembra a greve, cujo salvador fora o “*bom pastor*”, “*Padre Agamedes*”. Sigismundo Canastro, liderança política, é claramente uma dessas *ovelhas desgarradas* que o padre não pode mais salvar, não por não frequentar mais as suas missas, já esvaziadas por natureza, mas por sua declarada aproximação aos movimentos sociais.

Portanto, assistimos a ascensão de padre Agamedes ao longo da narrativa postado ao lado das forças hegemônicas do latifúndio, garantido e sustentado por elas, fazendo emergir a partir de seu campo exclusivo de atuação, a Bíblia, um discurso religioso de valorização do latifúndio e da força do Estado repressor. Como vemos, a hegemonia pode se impor por intermédio de outros expedientes de força não exclusivamente voltados para a violência física.

No entanto, já em contraposição à força pretendida (camufladamente) por Agamedes, a ruptura, a resistência se vislumbram no horizonte como vemos na seguinte passagem na fala de Antônio Mau-Tempo:

Estamos no casamento da minha irmã, senhor padre Agamedes, não é hora de falar de greves nem de merecimentos, e a voz foi tão serena quem nem parecia zanga, mas era, ficaram todos muitos calados à espera do que ia acontecer, e o padre disse que bebia à

saúde dos noivos e depois sentou-se.<sup>13</sup>

Simbolicamente vemos uma inversão das relações de força representada na fala de Antonio Mau-Tempo, que se levante, e no silêncio de Agamedes, que se sinta e depois vai embora.

Então disse António Mau-Tempo, **mandador das falas**, Já se foi o padre Agamedes, **agora estamos em família**, diga cada um o que quiser, consoante as suas inclinações e o lado para que lhe penda o coração, e assim falará Manuel Espada com Gracinda sua mulher e minha irmã, e a outra minha irmã Amélia há-de ter alguém para quem olhar, mesmo que falar não possa, e se ele cá não estiver, pense, e todos entenderemos, às vezes não se pode fazer outra coisa, e lembrem-se meus pais das suas e nossas vidas e do que foram quando novos, **e assim perdoarão os nossos erros, e os mais todos cuidarão de si e dos seus próximos**, alguns deles morreram já, bem sei, **mas se os chamarem eles voltam, os mortos não desejam outra coisa**, e aqui já eu dou pela presença de Flor Martinha, alguém a chamou, mas como sou eu que estou a falar, continuarei no uso da palavra, **e não se admirem destes torneios finos, que na tropa não se aprende só a matar, quem muito o quiser aprende a ler, a escrever e a contar, com isto já se pode começar a perceber o mundo e um bocadinho da vida, que não é só nascer, trabalhar e morrer, às vezes temos de fazer levantamentos de rancho, e é isso mesmo que vou contar**<sup>14</sup>.

Naquele instante se estabelecem outras formas de convivência social, António Mau-Tempo, *o mandador das falas*, renova o espírito do casamento, abrindo possibilidades às relações fraternas a partir de um desejo compartilhado de estarem todos reunidos em uma celebração de união. O casamento aproxima os noivos mas serve também para reunir o grupo,

---

<sup>13</sup> Idem. 223.

<sup>14</sup> Idem. 224.



aproximar desejos, intenções e projetar ainda as possibilidades futuras de transformação social. Com a saída do padre verdadeiramente se asseguram os laços de confiança, *Agora estamos em família* e isso pode significar a instauração de forças renovadas, dispostas lado a lado a partir de novos princípios e que irão sobretudo contestar a ordem vigente. A saída de Agamedes implica em uma nova composição social onde as questões políticas também surgirão renovadas.

Temos, então, a organização primeira de um discurso contra-hegemonico surgido da experiência compartilhada daqueles que estão distanciados das esferas de poder político e econômico. A presença de Agamedes apenas intensifica a percepção da demarcação e das delimitações dos espaços físico e discursivo. E isso não ocorre somente dentro de um partido ou de um momento maior de greve, está no dia a dia, na festa de casamento. Assim, do ponto de vista formal, o presente pode se modificar e a saída do padre, potencializa as múltiplas vozes que em sua presença estavam em silêncio. Nesse momento, todos falam, todos contam há uma horizontalização do discurso, os falares se aproximam da realidade de cada um e isso, por si só, já está impregnado de um movimento que pode se estender ao campo de atuação política.

Nesse sentido, podemos inferir que o estilo saramaguiano, fundado no romance *Levantado do Chão*<sup>15</sup>, pode ser entendido como uma forma de

---

<sup>15</sup> “Escrevi o livro como me pareceu que deveria ser escrito e aquilo a que se chama o estilo Saramago nasceu nesse livro, mas nasceu aí porque é o primeiro em que isso acontece, porque houve um primeiro dentro desse primeiro. Conto como foi, eu tinha estado no Lavre, tinha recolhido todas essas histórias, todo o material para escrever esse livro mas não sabia como fazê-lo. Eu pressentia e havia em mim algo que me dizia: «Não, pá, não podes, não vais repetir o esquema de sempre». Mas também não sabia como é que havia de ser até que um dia - eu ia de

condensar junto ao ato de narrar as mais diversas vozes que compõem a sociedade retratada em cada texto como nos comprova a cena do casamento. Assim, alternadamente, a voz do narrador e a das personagens vão assumindo e construindo o curso da história apresentada, em movimento de força em que se conciliam a construção discursiva (contra-hegemônica) e as forças políticas que ali se esperam consagradas. E não poucas vezes, as personagens tomam de empréstimo a função de narrador, assim como o narrador integra-se a matéria narrada, presentificando-se na narrativa, como testemunha de fatos, aliando-se à causa dos camponeses sem, contudo, utilizar-se dos marcadores convencionais do discurso para estabelecer fronteiras entre as suas falas e as falas dos demais. Em termos de estratégias discursivas, Saramago consegue articular-se entre ausências de pontuação, de parágrafos, para indicar uma realidade em que essas vozes estão lado a lado o tempo todo.

Se tomarmos alguns trechos do início do romance, quando, Domingos Mau-Tempo, junto de sua companheira, Sara da Conceição e seu filho, ainda de colo, João, chegavam a São Cristóvão, debaixo de chuva para mais uma jornada de mudanças, já podemos observar alguns elementos que se destacarão ao longo do texto.

O homem fez parar o burro, e com o pé, para aliviar da carga no teso da encosta breve, empurrou uma pedra até a roda da

---

vez em quando ao Lavre e muita gente perguntava-me «Então, o livro?» e eu dava como resposta «Estou a pensar nisso» -tive de decidir e disse para mim próprio: «Sei o que quero contar e vou contá-lo». E comecei a escrever. **Escrevi exactamente aquilo como ficou escrito**, excepto o primeiro capítulo a que volto um pouco mais adiante. Aquele que começa dizendo «O que mais há na terra, é paisagem», porque nesse momento eu recomecei o livro mas por aquele que é agora o segundo capítulo” CÉU E SILVA, João. Uma Longa Viagem com José Saramago. Porto: Porto Editora, 2009.

carroça. Esta chuva, que ideia terá dado ao regedor das celestes águas, não é da estação (SARAMAGO, 2010 – 15p.). De cuidados foi este o primeiro, outro logo, **Vai-se molhar tudo**. O homem estava a olhar para as nuvens altas, a franzir o nariz, e decidiu em seu saber de homem, **Isso passa, é aguaceiro**, mas por sim por não desenrolou uma das mantas, estendeu-a por cima dos móveis, Logo hoje havia de chover, raios partam<sup>16</sup>.

(...)O homem parou a carroça, disse à mulher, Espera aí, e atravessou por baixo das árvores, na direção duma porta iluminada. Era uma taberna e lá dentro estavam três homens sentados num escano, outro a beber ao balcão, segurando o copo entre o polegar e o indicador, assim como se estivesse parado para um retrato. E atrás do balcão um velho magro, seco, virou os olhos para a porta, era o homem da carroça que entrava e dizia, Boas noites a toda a companhia, esta é a saudação de quem chega e quer amizade de quantos sejam, pro fraternidade ou interesse de negócio, Venho viver aqui em São Cristóvão, chamo-me Domingos Mau-Tempo e sou sapateiro, Mau-Tempo trouxe vocemecê, e o outro que bebia estava no fim do copo, deu um estalo com a língua e acompanhou, Não traga ele más solas, e os mais riram porque havia de quê e a propósito<sup>17</sup>.

No primeiro trecho mesclam-se as vozes do narrador e das personagens, e somente o contexto é capaz de colocar no lugar cada um dos agentes da narrativa. No entanto, desde o início, o narrador começa a intervir, apropriando-se do espaço das personagens, o narrador compartilha o drama vivenciado pelo casal, *Logo hoje havia de chover, raios partam*, fato que aumenta a dramaticidade do trecho. Logo em seguida a queixa de Domingos Mau-

---

<sup>16</sup> 16

<sup>17</sup> Ibidem, p. 20-21

Tempo, o uso que será recorrente ao longo do romance do discurso indireto livre, antecipa o alcance do narrador onisciente, uma vez que é possível acessar também o pensamento de Domingos.

Já o discurso direto é inserido sem nenhuma marca, a não ser o verbo *dicendi* e, no início da frase, pela letra maiúscula. No diálogo que retrata o momento em que Mau-Tempo se apresenta aos seus novos companheiro de taberna, narrador e personagens se misturam, em um amálgama discursivo em que não há hierarquização dos falares, tornando a estrutura narrativa não apenas polifônica mas democrática. Assim sendo, no texto, não há diferenciação expressa entre a voz de quem narra daquele que é citado. Contudo, não são apenas as marcas textuais que são retiradas do texto, há uma aproximação extrema do narrador do texto com a matéria narrada. Um pouco mais a frente:

Era uma chuva regular, daquelas que vêm para muitas horas, caindo e alagando, chegou e não se vai embora, e quando a terra já não pode com tanta água, **nem cuidamos de saber se é o céu que nos molha, se a terra que nos encharca**<sup>18</sup>.

Neste trecho, temos o uso da 1ª pessoa do plural, que, sutilmente, insere o próprio narrador em uma posição muito próxima da descrição. Mesmo com a narração em 3ª pessoa, o que garante um efeito de verdade, devido ao aparente distanciamento, o uso da 1ª pessoa, aproxima o narrador das personagens e cria um forte efeito de realidade (BARROS, 1999 – 54p.).

O que nos interessa sobretudo são os componentes ideológicos que

---

<sup>18</sup> Ibidem, p. 16.

compõem cada conjunto de falares. Assim, apesar de os discursos serem vários, pelo fato de remeterem a uma sociedade de classes, tais dizeres não se encontram livres, de modo algum, de seus determinantes. Para cada uma das vozes presentes, podemos, dentro do texto, associá-las a um campo do jogo político abordado, demonstrando, dessa forma, a tensão dialética da estrutura social de Portugal do período retratado. Desta correlação de forças que, em forma de discurso, podemos considerar os discursos hegemônicos e contra-hegemônicos presentes na narrativa. É preciso deixar claro que, de modo algum, as personagens estão presas a caracterizações estanques, tipificadas, muito ao contrário, é a partir da complexidade subjetiva de cada personagem, contraditória, inclusive, que conseguimos retirar suas posições e percepções de mundo<sup>19</sup>.

Justamente pelo fato do texto ser constituído por muitas vozes que exercem papéis e posições sociais extremamente diferentes, em cada uma dessas vozes podemos perceber conotações discursivas ideologicamente atreladas, ou ao pensamento hegemônico (de maneira resumida, a tríade: Igreja, Estado e Latifúndio), ou contra-hegemônico (organização de trabalhadores, militância socialista e sindical).

Contudo, justamente pelo fato de o romance trabalhar no sentido de um discurso polifônico, em que tais vozes estabelecem disposições de choque

---

<sup>19</sup> Entendo que, o mais preciso possível do modo de constituição dos personagens deste romance, esteja o que José Luiz Fiorin define como dialogismo: “(...)a subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito. Por isso, em Bakhtin, o sujeito não é assujeitado, ou seja, submisso às estruturas sociais, nem é uma subjetividade autônoma em relação a sociedade.

*O princípio geral do agir é que o sujeito age em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação (FIORIN, 2006 – 55p.)”.*

entre sobrevivência e manutenção das condições existentes de expropriação do trabalho, consegue o autor transpor ao ficcional as tensões vivenciadas durante a trajetória destes personagens.

## **2.2 – Estrutura Narrativa**

Em 1966, A. J. Greimas lança o que se tornaria um marco nos estudos linguísticos realizados até então. A sua *Semântica Estrutural*, aproveitando-se, de um lado, das contribuições de V. Propp, com suas pesquisas relacionadas às estruturas formativas do conto maravilhoso, somado às observações dos esquemas gerativos de Noan Chomsk levou-o a constituir as pedras fundamentais de todo um arcabouço, em que, hoje, as mais diversas manifestações semióticas podem ser abordadas de forma objetiva e científica.

Tal modelo de apreciação, em linhas gerais, procura depreender a construção do sentido a partir das instâncias mais profundas e abstratas, até as mais superficiais e concretas. Para tanto, constitui um modelo teórico em que interagem, uma gramática profunda, uma narrativa e outra superficial e discursiva.

Para darmos continuidade a nossa leitura e procurando desenvolver um pouco mais a discussão em torno das contradições históricas manifestas no plano discursivo entre as concepções de hegemônico e contra-hegemônico, contaremos com algumas contribuições do modelo semiótico proposto por Greimas, aliadas a dois eixos que pela vertente do materialismo histórico

também estão presentes de forma significativa no romance: capital e trabalho.

É preciso afirmar que as personagens, mesmo não sendo tipificadas, seguem, de alguma maneira, um fluxo significativo com valor marcadamente ideológico. Personagens como Domingos Mau-Tempo, João, Gracinda, Manuel Espada, Segismundo e outros, sofrem das mesmas privações e sujeições. Trabalham, passam fome, veem seus filhos trabalharem ainda crianças, sem contudo terem chance a um futuro diferente dos seus. De outro lado constituem-se outros personagens, os donos das terras, dos latifúndios, os proprietários, cujo trabalho do camponês possibilita uma vida de fartura.

Tais personagens, denominados a partir do sufixo *-berto*, são cercadas por uma espécie de corte que, de formas diversas, atende aos seus interesses diretos contribuindo de alguma forma para a sustentação do *status quo*. Há, portanto, o padre cuja contribuição se orienta pela defesa da submissão e pela promessa de conquista da vida eterna. Há também nessa corte outros aparelhos ideológicos do Estado, como é o caso das tropas militares, soldados e agentes, somados aos feitores, tomados estes diretamente da mesma camada explorada, mas cooptados por meio de algumas regalias garantidas pelo patrão.

Desse modo, a reflexão tomando como ponto de partida uma perspectiva coletiva, a partir dos dois eixos apresentados, nos direcionam para as reflexões acerca das relações sociais dialéticas estabelecidas entre esses grupos. É claro que, em se tratando de uma sociedade de classes, e, tendo como ponto de partida os princípios do materialismo histórico, tal contradição gira em torno sobretudo da relação capital x trabalho. Assim, de um lado, tais

eixos apontam para as personagens que estão na engrenagem do sistema de produção, os trabalhadores. De outro, apontam para aqueles que detêm os meios de produção e seus aliados.

Poderíamos tomar como ponto de partida a análise individual de cada personagem em torno de suas trajetórias de vida, mas para atender mais diretamente aos objetivos propostos por esta pesquisa e procurando não incidir sobre uma análise mais voltada para as conformações da subjetividade, optamos por analisar os aspectos sociais responsáveis pela definição e mobilização das personagens. Podemos destacar, dessa forma, dois eixos significativos em torno dos quais a ação das personagens gira o tempo todo: o eixo do capital e o eixo do trabalho.

Esses eixos, portanto, organizam as relações e as disputas sociais estabelecidas entre as diferentes personagens dispostas no romance a partir das classes sociais a que pertencem. No plano da narrativa, tal procedimento acaba por colocar em destaque a luta de classes, dialeticamente tensionada, evitando desse modo qualquer possibilidade de uma visão maniqueísta daquela realidade. Assim, de um lado, os eixos propostos apontam para os trabalhadores e, do outro, apontam para aqueles que detêm os meios de produção e seus aliados.

Retomando o ponto de vista da semiótica, é possível perceber três instâncias de articulação discursiva em torno das ações desencadeadas em um texto. São elas: o momento da manipulação, o momento da ação e o momento do julgamento. Na instância da manipulação temos um destinador que, a partir do uso de diferentes recursos, consegue que um destinatário realize uma



tarefa. Tal destinatário pode acatar ou não à ordem dada e nesse momento, de qualquer forma, se torna o sujeito de um fazer. A este fazer do sujeito chamamos de momento da ação e passamos, então, para a instância seguinte. É onde ocorrem as transformações, as lutas por objetos e valores. Por último, temos o momento do julgamento, em que o sujeito do fazer receberá uma sanção positiva ou negativa, de acordo com o que desempenhou durante a narrativa.

Em *Levantado do Chão*, a instância da manipulação é essencial para o desenvolvimento do romance, pois é justamente aqui que se realiza com mais intensidade a presença do discurso hegemônico. Temos um destinador, atrelado aos interesses da burguesia, um destinatário, os trabalhadores, e a instância da manipulação que se refere ao trabalho executado sob as piores condições. Tal destinador lança mão de recursos, conhecidos na semiótica por modalidades, dos quais, em sua maioria, se utilizam-se do *dever fazer*, o que revela com clareza o discurso de autoridade. O latifúndio *faz fazer* sob ameaça do trabalho. O trabalhador **deve** aceitar as condições propostas, pois caso contrário não haverá trabalho, o que acarretará em fome e maiores privações sua e de seus familiares. O Estado *faz fazer* a partir de seus aparatos repressivos, ou seja, o trabalhador deve aceitar as condições impostas, caso contrário, será perseguido, marcado, preso, torturado e morto por instâncias oficiais e legítimas.

O mesmo Estado, por outro lado, faz uso de recursos de persuasão voltados também ao convencimento, como no caso do comício, em que os trabalhadores são levados a uma grande apresentação pública onde se predicava pelos valores da igreja, da tradição do povo português, da defesa do

Estado contra o comunismo e da personificação absoluta da figura do ditador. Como temos poucas referências à escola - a mais clara diz respeito a alfabetização de João Mau-Tempo - podemos entender que a presença do Estado se dava essencialmente para reprimir, garantir a exploração e preservar a propriedade privada.

Assim, a persuasão era um papel incumbido a uma instituição já secular no histórico de dominação Ibérico: a Igreja. A religião é que *faz saber*, ou seja, interpreta, torna inteligível toda a realidade e, a partir de sua visão, aponta aos fiéis o que é correto fazer. No caso, a igreja reforça o poder dominante indicando os caminhos corretos: obedecer a deus, aos patrões, fugir do comunismo e aguardar a justiça divina.

Há um outro elemento, também na instância da manipulação, que, pela sua contradição, merece atenção especial, que é o caso do feitor. Pertencente a classe trabalhadora, e, como ela, padecendo das mesmas penas, o feitor, associa-se ao lado do seu contrário, que são os patrões<sup>20</sup>. Saramago discorre brevemente sobre que vem a ser um feitor:

Depois da terra, a primeira coisa de que Lamberto precisa é de um feitor. O feitor é o chicote que mete na ordem a canzoada. É um cão escolhido entre os cães para morder os cães. Convém que seja cão para conhecer as manhas e as defesas dos cães. Não se vai buscar um feitor aos filhos de Norberto. Alberto é Humberto, feitor é primeiro criado, com privilégios e benesses na proporção do excesso de trabalho que for capaz de arrancar da canzoada. Mas é um criado. Esta colocado entre os primeiros e os últimos, é uma especie de mula

---

<sup>20</sup> Ainda hoje o termo “pelego” é utilizado para designar criaturas semelhantes as descritas neste ponto.

humana, uma aberração, um judas, o que traiu os seus semelhantes a troco de mais poder e de algum pão de sobra.<sup>21</sup>

Assim, realizado o que se chama em semiótica de *contrato fiduciário*, o fazer do sujeito se encaminha em direção ao *querer* dos dominantes, a ação se realiza, ou seja, o trabalho é feito nas condições impostas pelos patrões e, tal percurso, é julgado, havendo uma sanção positiva por parte dos destinadores. Assim, garante-se o lucro dos primeiros e a continuidade existencial misérravel dos trabalhadores. Para aqueles que não aceitaram as condições da destinação, recebem como sanção a fome, o desemprego, a perseguição policial e religiosa.

É claro que com a manutenção de tal processo, os únicos a ganhar são os donos do capital. Tal estrutura de manipulação cria no romance uma espécie de tempo mítico, com uma eternização do momento. Nada muda, desde sempre. Lamberto, Humberto e outros Bertos sempre estiveram por lá, desde um passado remoto, medieval, até o tempo retratado. É a força da conservação do tempo. Ouve-se falar de República, da guerra na Espanha, da Guerra Mundial, dos conflitos na África, mas tudo ressoa distante, como se o mundo, inclusive o que ocorre em Portugal, fora da província, fosse estrangeiro e distante demais para se entender com clareza. A manipulação engessa a história. A isto chamamos também hegemonia e estudaremos mais atentamente no próximo capítulo.

Todo esse processo afeta diretamente no fazer interpretativo do sujeito

---

<sup>21</sup> SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. São Paulo: Bertrnd Brasil, 2010. P. 72.

que se baseia em um *crer*. Se a situação é sempre a mesma, não há porque mudar, sempre haverá a repetição do mesmo. Contudo, *Levantado do chão* imprime sua força na dimensão dialética e tensa, na polêmica e na crítica que exemplarmente constrói. No romance, paralelamente às forças estabelecidas, o leitor acompanha o surgimento de uma outra instância de manipulação, subterrânea, clandestina, operando concomitantemente, porém, na contramão do regime estabelecido. A primeira referência direta encontra-se na primeira reivindicação de trabalhadores inspirados aparentemente pelo movimento republicano. Como resultado, são duramente reprimidos pela guarda, a mando do governo, que, no caso, era representado por um latifundiário.

Porém, há um processo de equalização de forças, lento, que se desenvolve ao longo das décadas. Voltando aos postulados semióticos, veremos que tal movimento também se apresenta em uma relação *destinador* → *destinatário*, na instância da manipulação. Suas marcas concretas são as primeiras citações aos “papéis” que não devem ser lidos, sequer pegos pelos trabalhadores, a negação das condições de trabalho realizada por Manuel Espada e seus companheiros, passando pelas “maltesias” de José Gato, até as reuniões secretas das quais participavam João Mau-Tempo, por intermédio de Segismundo Canastro.

Ou seja, ao mesmo tempo em que temos um destinador que atua ao lado da hegemonia, constituído para fazer com que os trabalhadores aceitem as condições de trabalho da forma como convém aos patrões, há um destinador que constitui uma contra-hegemonia, ou, como já citado anteriormente, uma hegemonia alternativa, que viola as condições impostas pelas relações de trabalho, ou recusando o trabalho propriamente dito, ou

negociando melhores condições e salários, ou pelo caminho da criminalidade. Assim, muito distante de trabalharmos com personagens tipificados, ou, planos, temos uma tensão interna, psicológica, cuja característica maior é a de tornar tais personagens complexos, dominados e dominantes também, de uma realidade social tremendamente ambígua e contraditória, da qual a verdade se desvelará aos poucos.

Para fins de interpretação do romance, o percurso narrativo que nos interessa neste momento é a do sujeito que adere a manipulação do destinatário representado pelos fluxos contra-hegemônicos, mais especificamente, aqueles ligados a organização política e sindical dos trabalhadores do campo. Assim, ao não aceitar como destinatário a manipulação ligada à burguesia, um outro percurso, diferente do primeiro, se inicia e, a partir desta recusa, o destinador recusado se transforma, do ponto de vista da lógica, em um *anti-sujeito*.

Assim, o trabalhador organizado, que aceita a destinação das forças contra-hegemônicas, além de se prender a busca por outro *objeto/valor*, que no caso seriam melhores condições de trabalho e de vida, também vai precisar enfrentar todas as forças hegemônicas que se colocarão em seu caminho, pois, precisam demonstrar que aquilo que foi dito na instância da manipulação é verdade, precisa *fazer saber*. Vale dizer que um dos fazeres do sujeito de ação é um fazer interpretativo. Ele faz a partir do que entende enquanto correto, possível, melhor, bem ou bom.

Ao longo do romance o que vemos é um amadurecimento das condições históricas revolucionárias, elemento este que se torna essencial para

que o percurso contra-hegemônico possa levar os sujeitos que se opõem à dominação a entrar em *conjunção* com seu objeto/valor e, por meio disso, passem a ter uma sanção positiva do seu destinador. O primeiro sinal de mudança é a conquista dos 33 escudos após a greve. Sigismundo Canastro pode ser visto como liderança e a partir da persuasão, incorpora o papel de destinador. Contudo, é também destinatário, pois, ao participar de forma orgânica da militância política, recebe algum tipo de formação e, também é destinatário deste destinador.

Não é explícito no texto, porém, a ação do Partido Comunista Português estava, na medida do possível, presente na organização dos trabalhadores do campo. Tal fazer apresenta aos sujeitos duas instâncias julgadoras. A primeira, de ordem hegemônica, é a que após o fim da greve, leva muitos a prisão, tortura e a morte. Isso tudo, para provar que, enquanto destinador, estava no âmbito da verdade. Por outro lado, a segunda destinação, que no caso foi a escolhida pelo sujeito em questão, levou a vitória, pois resultou em aumento de salário e, o que é mais importante, consolidou lideranças que, a partir da consciência adquirida, puderam fazer um outro percurso interpretativo e concluir que a destinação dos patrões se baseia no mentir.

Assim, mesmo que o percurso narrativo escolhido ainda, no final, mesmo sendo positivo, é fechado com uma demonstração de força, um *poder fazer*, já se encaminha em forma de possibilidade. É somente após a revolução que as condições preparadas ao longo das lutas se encontram prontas para uma transformação definitiva, representada na ocupação das terras pelos camponeses. Contudo, para melhor entendermos o processo de paulatina

tomada de consciência de tais sujeitos, no capítulo seguinte, tentaremos analisar como este se dá, desde o modo como um sistema opressivo se instaura, até a sua desmontagem, tendo como elemento fundamental o protagonismo dos oprimidos.

### **3 – *Levantado do Chão***

*Levantado do Chão* pode ser entendido como um romance que busca resgatar uma história que ao longo dos anos pretendeu-se enterrar. A partir do modo como é apresentada, dialoga diretamente com um relato oficial que, por algum motivo, esquece os personagens “miudos” escolhidos como protagonistas da narrativa. Aqui, três gerações de um grupo familiar de trabalhadores percorrem parte das transformações políticas vividas em Portugal ao longo do século XX.

Assim, da República até a Revolução dos Cravos, da miséria absoluta até a tomada de consciência, a família Mau-Tempo apresenta-se como uma espécie de retrato coletivo da exploração do ser humano no campo através do latifúndio. O romance, levando em conta a definição de Benjamin Abdala Junior, pode ser visto como “práxis artística formalmente problematizadora, tendo em vista a construção de um texto realmente revolucionário”.<sup>22</sup>

A luta política se desenvolve no interior da narrativa, entre campos

---

<sup>22</sup> ABDALA, Benjamin. *Literatura, História e Política. Literaturas de Língua Portuguesa no Século XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, p. 75.

opostos de articulação social, através de construções discursivas. Porém, como pensar tais elementos enquanto práxis? Ao escrever sobre Graciliano Ramos, Benjamin Abdala Junior aponta que o mesmo "segue os padrões ideológicos do materialismo histórico".<sup>23</sup> Tal afirmação, claro que dentro de um contexto específico e diferente, pode ser utilizada para definir teoricamente todo o conjunto de produções de José Saramago.

No entanto, em "Levantado do Chão" a dimensão política de dar voz aos oprimidos é levada à condição de tensão crítica máxima. Assim, o autor se apropria, a partir de uma perspectiva de classe, do relato histórico de Portugal, das contradições discursivas ali vivenciadas e das vitórias e derrotas cotidianas do trabalhador rural em luta por sua emancipação, constituindo personagens que, pela simplicidade da vida, revelam muito da complexidade das relações sociais da época retratada. Tais personagens, atrelados a um percurso transformador, atuam em um espaço de opressão, que, devido a sua construção rígida, não os possibilita de perceberem, nem mesmo de se entenderem enquanto a parte de um sistema complexo de produção econômica.

O texto, em seus aspectos discursivos, é caracteristicamente persuasivo. Se voltarmos a semiótica e observarmos a obra enquanto conjunto, podemos afirmar claramente que ela aponta para a direção do *fazer saber* da relação de exploração do sistema capitalista no campo. Podemos com isso, contrariando muitos autores que decretaram a morte do autor, dizer que Saramago vive em seus textos, sabe o que quer e do que quer convencer seu

---

<sup>23</sup> Idem. p. 93.



leitor. Por isso mesmo, nada mais correto do que afirmar a obra de Saramago enquanto engajada.

Neste romance, o narrador se agiganta. Há uma instância da narrativa, na qual as ações se sucedem, com uma trama bastante simples, cronologicamente organizada e muito próxima do que se faz em muitos romances neorrealistas. Contudo, a dimensão do narrador se destaca. O mesmo narra, comenta as cenas, antecipa fatos futuros da narrativa, cria tensão, revolta, angústia, tudo isso, a partir de uma organização temporal ligada ao que chamamos de fluxo de consciência, característica essencial do romance contemporâneo, ao mesmo tempo em que recria vozes, dizeres e contos da tradição popular, em um tom sempre próximo da oralidade.

Se retomarmos Walter Benjamin, em seu ensaio *O Narrador*, veremos que o mesmo afirma, a partir das constatações relativas ao que se observa em relação às mudanças sociais do início do século XX, que “a arte de narrar caminha para o fim”. Assim, face ao novo contorno cada vez mais agressivo das necessidades dos mercados internacionais, aliado às novas relações entre pessoas, motivadas por novas tecnologias, novas configurações de trabalho e ideologicamente já ingressos em uma percepção caótica de mundo, encontrar alguém que soubesse verdadeiramente contar uma história se tornava algo cada vez mais raro. O romance, forma típica da narrativa burguesa, se retrai ante a solidão de quem escreve e daquele que lê. Ante ao silêncio traumático daqueles que retornavam da guerra, constata o autor que a sociedade que se constituía a partir de então se tornava limitada em elementos comunicáveis, assim, o próprio ato de trocar experiências se mostrava condenado para o pensador.

Contudo, Saramago caminha na contra-mão da afirmação de Benjamin e, ao construir seu processo narrativo, leva em conta os elementos primordiais vistos em Benjamin nos que contavam histórias. Afirma o teórico que “a experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores”. Em *Levantado do Chão*, o texto é constituído a partir de diferentes vozes sociais, muitas delas, nem mesmo identificadas. “E, entre os que escreveram histórias, os grandes são aqueles cuja escrita menos se distingue do discurso dos inúmeros narradores anônimos”. O que faz José Saramago senão devolver ao texto o universo das interações interpessoais do discurso oral?

Logo, mesmo pertencendo ao gênero do romance, cujo legado, segundo Benjamin é a solidão e a segregação, da qual o indivíduo “não consegue exprimir-se exemplarmente sobre seus interesses fundamentais, pois ele mesmo está desorientado e não sabe mais aconselhar”, há nos textos de Saramago uma busca pela matriz humanizada da comunicação. Ler Saramago é como ouvir um infinito contar e recontar de histórias, criadas e recriadas por diferentes vozes. Assim, podemos concluir que José Saramago ao escrever, subverte, não só a linguagem, a história e o senso comum. Indo além, sua escrita subversiva desafia inclusive os limites do romance burguês.

Partindo desta linha, tentaremos analisar alguns elementos estruturais da narrativa a partir da relação de sujeitos ante um mundo historicamente realizado em torno da opressão. Em princípio, procuraremos entender como se manifesta a opressão e de que forma esta se cristaliza e se interioriza nas experiências concretas vivenciadas pelas personagens no romance, para, a partir daí, relacionar conscientização e luta política, fatos que por si fazer

renascer as relações de espaço e tempo, petrificadas na primeira parte do romance.

### **3.1 – A respeito dos personagens: a emergência da consciência de classe**

Paulo Freire escreveu um livro no fim da década de 60, durante seu exílio no Chile devido a sua atuação frente ao governo popular de João Gullar, no qual tratava do processo de educação e conscientização das classes oprimidas a partir de um método de organização revolucionária com fins a contribuir com o projeto de construção de uma sociedade sem classes. Tais reflexões, pensadas não apenas com vistas a realidade brasileira, servem perfeitamente para entendermos o modo como se dá a caminhada histórica dos trabalhadores alentejanos retratados por Saramago em busca de uma forma de organização que os possibilitassem de fazer frente ao processo de opressão secular ao qual estavam envolvidos.

*A Pedagogia do Oprimido* é uma obra voltada a analisar a situação de opressão vivenciada por trabalhadores oprimidos das periferias do sistema capitalista, e, com isso, apresentar elementos que contribuíssem com a luta de tais sujeitos. Partindo do pressuposto lógico de que se há oprimidos, com certeza, haverá opressores, e, em um sistema de opressão, o ser humano perde sua vocação ontológica de *ser mais*, “negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores”<sup>24</sup>, Freire desenvolve uma reflexão,

---

<sup>24</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, Paz e Terra, 2006, p.32.

mesmo que aliada ao que conhecemos por Teologia da Libertação, em que muitos conceitos do marxismo clássico são desenvolvidos, a fim de dar conta das contradições vividas nos países do que chamávamos de terceiro mundo. Muito próximo de algumas posições de Gramsci, Freire entende que a transformação social depende de um processo longo de conscientização dos oprimidos com vistas, principalmente, a ações de educação popular, realizadas, em princípio, fora dos aparelhos do Estado, por estes estarem logicamente implicados com a manutenção do estado de opressão.

Muito do que é teorizado por Paulo Freire em relação ao processo de dominação e as reações de trabalhadores em torno da luta pela emancipação, aparece, de alguma forma, em *Levantado do Chão*. Logo, alguns pressupostos teorizados por Freire podem nos ajudar a entender melhor como se configura um tema chave para compreender a confecção dos percursos realizados pelos personagens do romance, que é baseada na tomada de consciência.

O início do romance nos relata os sofrimentos da família Mau-Tempo. Domingos, sapateiro de profissão, protagoniza uma verdadeira saga, com peregrinações constantes, para o sofrimento dos seus, que só veem aumentar a miséria e as humilhações. Domingos, inquieto, constantemente em procura ou em fuga de algo que nunca vai encontrar, atravessa o latifúndio, com suas poucas posses, espancando a mulher e filhos, embebedando-se até, após abandonar a família e não conseguir recuperar o ciclo de violência familiar, pois a mesma consegue abrigo, se suicida enforcado em uma árvore.

Tal existência, que na verdade serve de marco ao início da história de João Mau-Tempo, se dá por meio da incompletude total do ser. Do que pensa,

do que imagina e anseia Domingos, muito pouco nos é dito, porém, pelas experiências relatadas, tudo gira em torno de satisfações básicas e imediatas, ligadas a alimentação e ao prazer, que neste caso, se limita ao álcool e ao corpo da mulher. Assim, este ser que busca, frustra-se, e, pela ausência de entendimento, espanca sua mulher, seus filhos e se entrega completamente ao vício, só pode ser entendido se enquadrado dentro de um sistema de dominação que analisaremos mais detidamente.

Retomando Paulo Freire, entende o autor que os homens em estado de opressão se desumanizam, não espontaneamente, mas porque lhes são negadas as condições essenciais para que possam encontrar-se em estado de humanização, estado este garantido apenas a uma ínfima parcela social. Tendo como objeto central de análise o romance, sem dúvida, o latifúndio é o instrumento de dominação representado em *Levantado do chão*. Para que os Bertos vivam da forma como vivem, sem precisarem trabalhar de fato, para que se mantenham como classe dominante, é preciso oferecer as precárias condições de trabalho, os salários baixos, levando e mantendo essa mão-de-obra camponesa nas piores condições possíveis.

Essa espécie de mecanismo de poder acaba por gerar alguns entraves, retardar os processos de organização da classe trabalhadora uma vez que o tempo é escasso e a fadiga sempre enorme. Assim, Domingos Mau-Tempo, não encontra as possibilidades de ruptura de suas precárias condições sociais e acaba acreditando em sua incapacidade de transformação do presente. As condições materiais de sua vida acabam construindo nele uma percepção equivocada de sua realidade uma vez que entende que os problemas enfrentados são resultados exclusivos de seu mau caráter pessoal -

e isso, a sina do nome parece confirmar.

Uma característica fundamental das relações humanizadas e humanizantes é a dialogicidade. Para Freire, um sujeito somente supera a relação de desumanização com o domínio da palavra. No princípio do romance poucas são as palavras trocadas pela família Mau-Tempo. Pouco se fala, nada se discute. O discurso se apresenta sempre verticalmente: do latifúndio para o Estado, do Estado para o povo, em forma de monólogo ou pancada. Não há escolas nem algum centro de formação, ou seja, não há possibilidade de alteração das condições reais de trabalho e por extensão das próprias condições humanas. Assim, a violência contra si mesmo ou contra seus pares é fruto de uma atitude *fatalista*. Explica Paulo Freire, em relação às formas de ser e comportar-se dos oprimidos em que se refletem a estrutura da dominação:

Uma destas, de que já falamos rapidamente, é a dualidade existencial dos oprimidos que, “hospedando” o opressor, cuja “sombra” eles “introjetam”, são eles ao mesmo tempo são o outro. Daí que, quase sempre, enquanto não chegam a localizar o opressor concretamente, como também enquanto não cheguem a ser “consciência para si”, assumam atitudes fatalistas em face da situação concreta de opressão em que estão.<sup>25</sup>

Assim, por não conseguir perceber nitidamente as relações de

---

<sup>25</sup> Idem, p.54.

opressão do sistema social e não compreender o processo, portanto, dentro do qual se encontra, Domingos introjeta em si mesmo a violência da sua condição, agindo, muitas vezes, de forma agressiva contra si mesmo ou contra o próximo.

Na “imersão” em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a “ordem” que serve aos opressores que, de certa forma, “vivem” neles. “Ordem” que, frustrando-os no seu atuar, muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que agredem os próprios companheiros. É possível que, ao agirem assim, mais uma vez explicitem sua dualidade. Ao agredirem seus companheiros oprimidos estarão agredindo neles, indiretamente, o opressor também “hospedado” neles e nos outros. Agridem, como opressores, o opressor nos oprimidos.<sup>26</sup>

Podemos inferir, desse modo, que em um universo de opressão, aqueles que se encontram em condições de extrema fragilização serão vítimas das piores situações de violência. Em relação a Domingos Mau-Tempo, serão também as mulheres atingidas. Sara da Conceição, contrariando a vontade do pai e apaixonada por Domingos, decide casar-se com ele e para isso fogem. Na expectativa de uma vida transformada cuja redenção seria dada pelo amor, novamente, as parcas condições materiais navegam contra os desejos e Sara logo se encontra diante de uma realidade ainda mais difícil porque caberá a ela servir de anteparo para as dificuldades vividas pelo casal. A instabilidade

---

<sup>26</sup> Idem p.55.

emocional de Domingos Mau-Tempo acaba por destruir o casamento em meio a bebida e a violência doméstica instaurada. Ao realizar-se tal união, o que vemos é uma transferência das frustrações do marido à mulher, em forma de sucessivos espancamentos, o abandono e as humilhações:

Domingos Mau-Tempo voltou ao seu, vinho, desleixo, pancadas, trato mau de mãos e de boca. Minha mãe, o pai parece que está excomungado, Não digas isso, filho, que é teu pai. São palavras que sempre se dizem nestas e afins circunstâncias, não se devem tomar a sério, nem umas nem as outras, tanto as que acusaram como as que quiseram absolver. Mas a miséria empoeirava o rosto a esta gente, e as crianças que já tinham sentido para isso pediam esmolas.<sup>27</sup>

Circunscritos a esse ciclo de opressão e de desespero, à permanente condição de exploração, os trabalhadores acabam submetidos a uma espécie de paralisação do tempo, do espaço e dos movimentos, uma vez que a percepção de sua realidade concreta e de si mesmos estará camuflada dentro de um cotidiano em que a fome falará sempre mais alto. A impossibilidade de encontrar os pares e identificá-los como tal cristaliza as relações sociais, confirmando um estado permanente de opressão.

Esse cotidiano em que as relações humanas parecem, portanto, congeladas dentro de um determinado mecanismo político, econômico e social, parecem indicar também uma paralisação da própria história servindo, sem

---

<sup>27</sup> SARAMAGO, José. Levantado do Chão. São Paulo: Bertrnd Brasil, 2010,p. 43-44.



dúvida, para a manutenção da estrutura latifundiária. Tendo como crença o direito legítimo a posse da terra, dos meios de produção e dos homens, a classe dominante se utiliza de todos os seus mecanismos para manter a situação como está.

“É que para ele, pessoa humana são apenas eles. Os outros, estes são “coisas”. Para eles, há um só direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos”.<sup>28</sup>

Ao longo período histórico referido no romance (do início do século XX até pouco tempo depois da Revolução dos Cravos em 1974) temos a afirmação da posse da terra, dos meios de produção e da mão-de-obra o que implica na dominação do próprio ser humano transformado dentro do processo produtivo em objeto. A terra fora dada a Lamberto Horques Alemão para nela produzir riqueza e fazer crescer a população e principalmente a produção. A posse da terra garante a dominação daqueles que nela trabalham, direito adquirido e concedido de acordo com a hierarquia social estabelecida, direito este que se amplia ao usufruto da mão-de-obra da terra, inclusive do corpo feminino como na cena do estupro da mãe de Domingos Mau-Tempo: “isso faço e farei, e quanto mais me aprouver, que minha é a terra e quanto nela há”.<sup>29</sup>

**O povo fez-se para viver sujo e esfomeado.** Um povo que se lava é um povo que não trabalha, talvez nas cidades, enfim, não digo que não, mas aqui, no latifúndio, vai contratado por três ou quatro semanas para longe de casa, e meses até, se assim convier a

---

<sup>28</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo, Paz e Terra, 2006, 43ª edição, p. 50.

<sup>29</sup> SARAMAGO, José. Levantado do Chão. São Paulo: Bertrnd Brasil, 2010, P.26.

Alberto, e **é ponto de honra e de homem que durante todo o tempo do contrato se não lave nem cara nem mãos, nem a barba se corte** (...). É preciso que este bicho da terra seja bicho mesmo, que de manhã some a remela da noite à remela das noites, que o sujo das mãos, da cara, dos sovacos, das virilhas, dos pés, do buraco do corpo, seja o halo glorioso do trabalho no latifúndio, é preciso que o homem esteja abaixo do animal, que esse, para se limpar, lambesse, **é preciso que o homem se degrade para que não se respeite a si próprio nem aos seus próximos.**<sup>30</sup>

É possível perceber, portanto, ao longo do romance como se estabelecerão os limites entre as classes sociais e como se desencadearão os confrontos que levarão o país ao seu 25 de Abril. O discurso da classe dominante fortalece determinados valores morais ("é ponto de honra e de homem") para garantir a realização de seus projetos de ocupação e produção da terra. A saga da família Mau-Tempo estará inevitavelmente entrelaçada à formação da classe dominante latifundiária de Portugal e não só suas condições materiais de vida mas sua própria estrutura de sentimento estarão também inevitavelmente ligadas a essas mesmas condições materiais e delas serão frutos. Valeria, então, lembrar a idéia da constituição das estruturas de sentimento a partir das análises de Raymond Williams, e entendidas a partir das relações estabelecidas entre as práticas sociais e as formas de pensamento e ambas relacionadas às formas de produção e de organização econômicas que as conformam em relação aos sentidos produzidos a partir de uma dada experiência histórica vivida.

---

<sup>30</sup> Idem, p.73.

Sob o ponto de vista dos Bertos, a construção de uma sociedade pressupõe a desumanização da classe trabalhadora para que possa ser a classe permanentemente espoliada. Nesse sentido, faz parte regular na prática e no pensamento social a degradação do ser humano, a perda da própria condição de ser humano, via de regra perda estabelecida pelo poder dos patrões. O propósito é garantir a manutenção, a conservação da produção e da riqueza concentradas nas mãos de poucos Bertos. Se para tanto for necessário sacrificar a condição humana de muitos camponeses, assim será. Para os Bertos faz sentido considerar humanos apenas os que pertencem a sua classe social, “pessoa humana são apenas eles”<sup>31</sup>, por isso, “é que humanização é uma “coisa” que os Bertos possuem como direito exclusivo, como atributo herdado.

Em oposição às condições materiais adquiridas pelos Bertos, o desejo de emancipação social que se projeta entre os camponeses a partir das reflexões acerca de sua própria humanidade, é uma subversão já que transgride as regras impostas pelo poder hegemônico. Logo, nessa dinâmica fundada na contradição, a manutenção da estrutura de funcionamento econômico, político e social é o objetivo maior dos Bertos, pois a mudança pode resultar na transformação geral do estado de coisas, enquanto que, sem mudança, as condições de vida dos camponeses não apresentarão nenhum risco para a continuidade do sistema. Como podemos observar no trecho seguinte:

A grande e decisiva arma é a ignorância. **É bom, dizia Sigisberto no**

---

<sup>31</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo, Paz e Terra, 2006, 43ª edição, p. 50

seu jantar de aniversário, que eles nada saibam, nem ler, nem escrever, nem contar, nem pensar, que considerem e aceitem que o mundo não pode ser mudado, que este mundo é único possível, tal como está, que só depois de morrer haverá paraíso, o padre Agamedes que explique isto melhor, e que só o trabalho dá dignidade e dinheiro, porém não têm de achar que eu ganho mais do que eles, a terra é minha, quando chegar o dia de pagar impostos e contribuições, não é a eles que vou pedir dinheiro emprestado, que aliás sempre foi assim, e será, se não for eu a dar-lhes trabalho, quem o dará, eu e eles, eu que sou a terra, eles que o trabalho são, o que for bom pra mim, bom pra eles é, foi Deus que quis assim as coisas, o padre Agamedes que explique melhor, em palavras simples que não façam mais confusão à confusão que têm na cabeça, e se o padre não for suficiente, pede-se ai à guarda que dê um passeio a cavalo pelas aldeias, só a mostrar-se.<sup>32</sup>

Valeria uma vez mais recorrer às sempre pertinentes reflexões de Paulo Freire. O educador faz uma crítica ao que chama de “educação bancária”, quer dizer, em um estado de opressão, para a manutenção da mesma, conteúdos que servem apenas aos interesses dos opressores são “depositados” nos oprimidos, sempre a partir de uma relação hierarquizada de poder refletida também na estrutura e na política educacional, portanto, de modo vertical, sem a possibilidade da produção do diálogo, momento em que o espírito crítico e criativo podem se desenvolver. Portanto, é coerente a fala de Sigisberto que recorre aos aparelhos ideológicos do Estado para garantir também a sua força: a escola que sequer faz parte da realidade campesina: *É*

---

<sup>32</sup> SARAMAGO, José. Levantado do Chão. São Paulo: Bertrnd Brasil, 2010, p. 72

*bom que eles nada saibam, nem ler, nem escrever, nem contar, nem pensar, e a igreja que deve cumprir o seu papel junto às classes dominantes: que só depois de morrer haverá paraíso, o padre Agamedes que explique isto melhor.*

Assim, o exercício pedagógico oficial, nesse contexto, ocorre por meio da religião que serve apenas aos interesses dominantes e, diante de tal situação, podemos dizer que Domingos Mau-Tempo é consumido pelo latifúndio, enquanto tenta, ainda que por meio da bebida ou pelas sucessivas mudanças de lugar, livrar-se do estado de coisas em que se via estrangulado. E sua inquietude será coroada com o suicídio saída possível para tal labirinto. E na esteira de sua experiência histórica Domingos Mau-Tempo deixa João Mau-Tempo, o filho mais velho e herdeiro de tudo isso.

Após a morte de seu pai, João se vê como homem da casa, com apenas dez anos de idade. No entanto, há uma alteração importante na configuração da personagem e que acabará alterando o seu percurso narrativo: João será alfabetizado. Ainda que por pouco tempo e sem grandes e significativas mudanças imediatas para as suas condições de vida, João frequenta a escola.

Mas vale lembrar que a escola referida estará evidentemente ligada à forma da “educação bancária”, atendendo aos interesses dominantes e portanto distante de qualquer possibilidade real de emancipação social sob o ponto de vista do trabalhador. A verdadeira construção do conhecimento se fará, dessa forma, a partir da introspecção de um saber advindo da leitura e dos “papéis” que lhes eram entregues e sobretudo aqueles que não vinham pela escola e pelas falas de Agamedes, mas por outros caminhos trazendo

outras leituras da vida.

Ouve estes dizeres inflamados do padre Agamedes, compara-os em sua cabeça com o que conseguiu fixar da leitura de papéis que lhe têm dado, faz o seu juízo de homem simples, e se dos papéis acredita alguma coisa, das palavras do padre não acredita em nenhuma.<sup>33</sup>

João Mau-Tempo, aos poucos, inicia a sua jornada em busca da compreensão da vida e com ele um outro futuro parece querer acenar para novas mudanças que começam a ganhar vulto. Há, portanto, uma brecha que vai se abrindo na suposta paralisação do tempo e do espaço. Ainda sem concretizar na fala e/ou na escrita uma outra percepção da realidade, apenas absorvendo silenciosamente as contradições da realidade, João Mau-Tempo vai acessar em consonância com outros sujeitos, companheiros seus, um dado conhecimento de sua realidade agora posta a partir de outras lentes. Nesse processo, há uma figura central: Sigismundo Canastro. Responsável pela circulação dos panfletos que chegam a João, a aproximação de João e Sigismundo acaba por conduzir João à liderança do movimento de greve e à militância orgânica e clandestina ligada ao Partido Comunista Português. Nesse sentido, ao romper com a formação de uma escola tradicional cujo discurso se alia às classes dominantes, João estará envolvido nas questões dos movimentos educacionais populares ligados em grande medida às comunidades de base, aspectos que foram também trabalhados por Paulo Freire em contraponto com a chamada "educação bancária" e que em nossa leitura parecem encontrar pontos de confluências significativos.

---

<sup>33</sup> Idem, p. 121.

As atividades políticas agora renovadas pelo olhar de João Mau-Tempo manifestam a emergência de uma nova e determinada organização política, uma forte organicidade no movimento, aproximando os trabalhadores de outros lugares, criando as possibilidades de intercambiar informações e materiais advindos de outros lugares para além de Monte Lavre. O recorte cronológico desse período já avança para meados da década de 40 e temos, portanto, nas articulações do sistema, a presença efetiva do Partido Comunista potencializando os debates em torno da formação de consciência de classe.

O capítulo em que se ouve a forte voz de João Mau-Tempo, desafiadora, afirmando que só trabalhariam por um valor que julgassem justo, abre-se com uma metáfora belíssima, comparando Monte Lavre à um relógio: “Visto de Monte Lavre, o mundo é um relógio aberto, está com as tripas de fora, à espera que chegue a sua hora”.<sup>34</sup>

Chegada a hora da colheita do trigo, como sempre aconteceu, ordenam os senhores que os camponeses comecem o trabalho. Porém, o tempo da opressão, aparentemente eterno, encontra uma barreira em forma de duas frases: “São duas as palavras, não aceitar a jorna de vinte e cinco escudos, não trabalhar por menos de trinta e três escudos por dia”.<sup>35</sup> Para surpresa dos patrões, é decretada a greve e, um fato importante, é que pelos arredores também não se trabalha por menos que trinta e três escudos, “É verdade que de todos os lados vêm notícias de que os homens, muitos deles, estão a recusar-se a trabalhar por miséria assim”.<sup>36</sup> Ou seja, não se trata de um

---

<sup>34</sup> Idem, p. 183

<sup>35</sup> Idem, p. 138

<sup>36</sup> Idem, p. 140

movimento isolado, de uma só província, porém, lutam, de forma organizada, todos os camponeses.

Aos seus postos ficam todas as forças do latifúndio: “o latifúndio ordena a capatazes e feitores que sejam firmes, a linguagem é guerreira”, “vêm os cabos e os sargentos à janela do posto a ver como estão os ares, e em lugares oleiam-se as espingardas e dá-se ração dobrada aos cavalos pelo orçamento extraordinário”.<sup>37</sup> Deste modo, as forças opressivas estão preparadas para um cenário de enfrentamento. A arma maior dos patrões, como sabemos, advém exatamente da posse dos meios de produção, assim, se não se submetem a exploração, não recebem. Ou seja, em suas famílias, cedo ou tarde, haverá fome. “Deixa que eles aprenderão”.<sup>38</sup>

A tensão se avoluma, pois cessam-se os mantimentos. Muitos “homens que encolhem os ombros desanimados, outros dizem, Amanhã têm de vir à razão, e também não falta quem já tenha resolvido aceitar o que oferecem, a mesma jorna do ano passado”.<sup>39</sup> Dentre tudo isso, um padre desacreditado fala a “velhas e dependentes do altar”: “Amados filhos, cuidado, sopram ventos de rebelião por estas nossas terras tão felizes, outra vez vos digo que não deis ouvidos”.

Como sabemos, um trabalhador aprende em processo, e, diante de tal

---

<sup>37</sup> Ibidem, p. 139

<sup>38</sup> Porém, como lógica do sistema, um detentor de capital, sem a força de trabalho necessária para a produção, também não pode produzir capital em forma de mais-valia. Assim, se por um lado, com uma greve, o trabalhador se vê em condições de instabilidade, o proprietário, por outro lado, também se encontra em situação homônima, pois se a produção paraliza, ele não ganha e o capital não circula.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 140



movimentação, todos que estiveram de alguma forma envolvidos, elevam de algum modo seu nível de consciência no que diz respeito às relações de trabalho. Se condicionados anteriormente a um silêncio absoluto, neste novo presente que se instaura, fala-se, pergunta-se a fatores sobre a decisão do patrão, estendem-se os limites de Monte Lavre a outros arredores, pedidos de notícias das lutas de outros camponeses circulam rapidamente e vozes se levantam contra as decisões dos patrões.

Até esse momento da narrativa, podemos dizer que, de certo modo, a imagem da miséria do camponês e a sua fragilidade eram marcantes e fundamentais porque estavam diretamente atreladas à idéia da paralisação do tempo e do espaço. No entanto, a partir do levante da greve, essas imagens começam a se modificar na medida em que os camponeses deixam de ser objeto da ação para se transformarem, de fato, em sujeitos de ação. Desta forma, os trabalhadores avançam para um estágio superior em sua organização, que é a consciência coletiva de que fazem parte de uma mesma esfera de trabalho. Entendem que, no âmbito da produção, estão ligados entre si, pertencem a uma mesma ordem, a um mesmo segmento social e, agora, agindo em conjunto, podem obter ganhos em termos de salário e de condições de trabalho.

E é justamente neste estágio da luta que vozes até então silenciadas se levantam contra o sistema de opressão: “É então que João abre a boca e as palavras saem, tão naturais como se fossem água a correr de boa fonte, Ficaré a seara no pé, que nós não vamos por menos”. E, ao libertar-se, liberta conjuntamente seus companheiros, aprende na luta e ensina com ela, ampliando com isso uma ciência que passa a ser de todos, dando início, assim,

a uma outra hegemonia, dando vida ao tempo e oxigenando a história, que se faz a partir justamente da luta de classes.

Contudo, ainda no calor da ascensão de um movimento de greve cujo valor será inestimável para João Mau-Tempo, é preciso enfrentar as armas da opressão, a fome e o medo da repressão, e na euforia destes primeiros gestos, muitos voltam ao trabalho e, mesmo estando diante da praça a fim de ouvir as lideranças, eram apenas vinte trabalhadores que se mantinham em greve. Desânimo, desesperança e desconfiança. Momento crucial para a vitória ou para a derrota de um movimento. Sigismundo Canastro cuja capacidade de liderança é incontestável, procura, para reanimar seus companheiros, a certeza da vitória, pois, o movimento não ocorria apenas em Monte Lavre, se dava em muitos lugares. Para retomar a força do movimento, então, Sigismundo sugere: “amanhã vamos todos juntos às herdades, vamos pedir aos camaradas que não trabalhem, que em toda a parte se está a lutar pelos trinta e três escudos, não podemos os de Monte Lavre ficar mal, não somos menos do que os outros, e se assim se fizer em todo o distrito, venceremos os patrões”.<sup>40</sup>

Em seus escritos, Antonio Gramsci desenvolve o conceito de *bloco histórico*,<sup>41</sup> que pode nos ajudar a explorar um pouco mais o processo que em

---

<sup>40</sup> Idem, p. 142

<sup>41</sup> Assim define Lincoln Secco: “Unidade orgânica da infra-estrutura e das superestruturas. O vínculo social entre as classes no seio do modo de produção, enquanto portadoras de papéis sociais definidos na economia, e seu papel subjetivo, voluntário, na organização estatal, é feito pelos intelectuais e instituições da sociedade civil que ajudam a manter a hegemonia da classe dominante. Assim, bloco histórico é, aparentemente, uma espécie de aliança de classes, tanto na produção econômica quanto na política. Porém é mais do que uma simples aliança, porque pressupõe que a base e as superestruturas não são realmente, nem cronologicamente, separáveis. Em consequência disso, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma. Um programa político deve assentar-se nas necessidades históricas concretas (materiais) do conjunto de classes sociais que compõem o bloco histórico e que deverão dirigir a sociedade”. SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil. Recepção e difusão de suas idéias*. São

que se encontram enredadas as personagens. Para o revolucionário italiano, retomando uma discussão teórica que tem origem no clássico prefácio de 1859 de Marx<sup>42</sup>, cada estágio do desenvolvimento do capitalismo era soldado em duas esferas, infraestrutura e superestrutura.

Em outros termos, uma conjuntura histórica se molda a partir das condições em que se encontram os mecanismos de produção, dialéticamente atreladas às interpretações e ideias correntes neste mesmo momento. Assim, se em Monte Lavre tínhamos um bloco histórico em que, a mais completa hegemonia da exploração fundiária se dava com perfeição, em contraposição, o movimento de greve simula a formação de uma primeira frente contra-hegemonica que o significativo processo de lutas que se desencadeará em Monte Lavre irá fortalecer. Novas interpretações das relações de trabalho levam ao surgimento de novos sujeitos sociais pois que exigirão novos contratos de trabalho. As relações entre infraestrutura e superestrutura não se modificam na medida em que o sistema capitalista via latifúndios alentejanos continua organizando o funcionamento da esfera econômica, mas as relações de trabalho na ordem da superestrutura serão de alguma forma atingidas na medida em que um possível novo bloco histórico se organiza em busca de uma transformação, de fato, dentro do modo-de-produção capitalista.

Nesse sentido, essa tomada de consciência pela experiência da greve promete ampliar as discussões trazendo para o eixo central dos diálogos o modelo de produção dentro do qual os camponeses estão enredados e a

---

Paulo: Cortez, 2002.

<sup>42</sup> Cf. MARX, K. Para a Crítica da Economia Política, in: *Os Economistas. Karl Marx*. São Paulo, Nova Cultural, 1986.

exploração de sua mão de obra. Conversam entre si pelos latifúndios afora, percebem-se como companheiros ou camaradas desta luta, procuram pelos seus direitos, reclamam das injustiças e caminham juntos, aprendendo a resistir coletivamente, como podemos exemplificar com o trecho seguinte:

**Fala o Sigismundo Canastro**, que sabe mais, Camaradas, não se deixem enganar, é preciso que haja união entre os trabalhadores, não queremos ser explorados, aquilo que pedimos nem sequer chegava para encher uma cova dum dente ao patrão. **E avança o Manuel Espada**, Nós não podemos ser menos que os camaradas das outras terras, que a esta hora reclamam um salário mais certo. **E há um Carlos, outro Manuel, um Afonso, um Damião, um Custódio, e um Diego, e também um Felipe**, todos a dizerem o mesmo, a repeti-las porque ainda não tiveram tempo de inventar outras suas próprias, e **agora adianta-se João Mau-Tempo**, A minha grande pena é que meu filho Antônio não esteja aqui, mas tenho esperança de que lá onde estiver, dirá as mesmas coisas que seu pai diz, juntemo-nos todos para exigir o nosso salário, porque já vai sendo tempo de termos voz para dizer o valor do trabalho que fazemos, não podem ser sempre os patrões a resolver o que nos pagam.<sup>43</sup>

E é a partir da voz de Sigismundo em consonância com outras vozes que é possível perceber as transformações sociais que começam a surgir: desencadeia-se, assim, um processo de conhecimento que traz de volta o exercício da humanidade na prática cotidiana de deixar fluir o espírito criativo. Sigismundo ensina os companheiros a recuperarem suas potencialidades humanas e resgatam, desse modo, o dom e o poder da palavra. Mas não é

---

<sup>43</sup> SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. São Paulo: Bertrnd Brasil, 2010, p. 144

qualquer palavra, mas aquela cheia de sentido, que explica o que são, o que vivem e o que desejam. Em princípio, fala a liderança, “o que sabe mais”, em seguida, outros mais preparados, enfim, todos querem falar, convencer, entender. E neste renascimento do humano que se dá por meio do renascimento de gente humilde é que se configura uma nova conjuntura, ou, mais especificamente, um novo bloco histórico.

A consolidação de tal processo se dá por meio da constituição de protagonistas históricos atrelados a classe a qual pertencem, aos quais Gramsci chama de Intelectuais Orgânicos. E na esteira das reflexões de Gramsci, entendemos que a cristalização de um determinado bloco histórico são os intelectuais organicamente estabelecidos de acordo com a classe a qual pertencem ou a qual se associam. Dessa forma, os Bertos, “educados”, alocados em grande medida nas capitais, leitores de jornais e conhecedores e executores das leis, se apresentam enquanto interpretes socialmente reconhecidos dos saberes instituídos. Contudo, o que os faz de fato serem intelectuais orgânicos é o papel que exercem enquanto dirigentes. Para Gramsci todo ser humano é um intelectual e, em seu trabalho, por mais simples e repetitivo que seja, demanda uma atividade cerebral. Para o pensador italiano, o que realmente importa é o papel social representado pelo exercício intelectual. Como nos revela o romance, os Bertos representam a dominação através do que conhecemos por hegemonia e a parcela intelectual dominante se apropria dos dois planos superestruturais. Segundo Gramsci, essa parcela é chamada

(...) de **sociedade civil**” (isto é, o conjunto de organismos chamados comumente de “privados”) e da **sociedade política ou Estado**, que

correspondem a função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico”.<sup>44</sup>

Assim, a camada de intelectuais orgânicos dos setores dominantes não apenas exerce a função de comando do ponto de vistas das relações sociais privadas, como também atua nos mais diferentes setores do Estado, e deste modo se constitui em uma sociedade política que atua de acordo com seus interesses imediatos. Fato de relevo é a exaltação da figura do ditador enquanto portador do saber. Salazar é descrito como “gênio”, símbolo vivo da moral cristã, criador das leis e “senhor professor”. Este representante máximo de uma elite conservadora é apresentado como a realização intelectual máxima a ser respeitada e seguida.

Padre Agamedes, mesmo não pertencendo a mesma classe dos patrões, compartilha interesses comuns e, também enquanto intelectual, articula a partir da sociedade civil todo um conjunto de saberes e interpretações que auxiliam na manutenção das estruturas de poder. Inclusive, muito relevante para o entendimento deste ponto, Gramsci reitera que mesmo com o desenvolvimento de outra estrutura econômica, encontramos “categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas”.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a formação da cultura*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1979. p.10-11.

<sup>45</sup> Idem, p.5.

Como sabemos, a força do catolicismo na Península Ibérica se construiu pelas severas e rígidas acepções religiosas, compondo os poderes oficiais locais, atravessando toda a Idade Média e chegando ao século XX como um dos pilares de sustentação da ideologia fascista. O padre Agamedes é o intelectual tradicional, absorvido pelas configurações sociais hegemônicas e reflexo de um discurso do poder: a luta da “santa” Igreja contra o comunismo.

Em relação aos camponeses, também é possível o surgimento de intelectuais orgânicos, formados para, essencialmente, dirigir a classe em suas lutas sociais. É preciso ter em mente que quando Gramsci elaborou suas teorias havia uma “certeza” em relação a iminência da revolução socialista em todo o mundo, estandarizada pelo Partido Socialista Soviético, enraizado nos Partidos Comunistas de praticamente todos os continentes. Por isso, Gramsci, retomando *O Príncipe* de Maquiavel, estabelece o partido como sendo uma unidade coletiva, ou o *Novo Príncipe*, responsável por dirigir e ser dirigido pela classe trabalhadora rumo à revolução socialista. Assim sendo, tendo em vista que a organização dos movimentos de operários e camponeses se davam em praticamente sua totalidade por orientação dos Partidos Comunistas, não poderia ser diferente em Portugal.

Portanto, não seria equivocado afirmar que o trabalho de mobilização dos trabalhadores no campo se dava por meio de intelectuais formados dentro mesmo da classe a qual pertenciam, organicamente articulados com uma direção partidária internacionalista, tendo por objetivo a formação de dirigentes políticos, ou, nas palavras de Gramsci: “importa, sim, a função, que é diretiva e

organizativa, isto é, educativa, intelectual”.<sup>46</sup> Em outras palavras, tal conceito atrela-se diretamente a uma organização partidária, cuja função é liderar o trabalhador em suas lutas. Assim, aquele que adere à tal processo, se forma e, em sua formação, acaba por formar outros. É a este trabalho intelectual, diretivo em sua essência, que Gramsci chama de intelectual orgânico.

Assim, Sigismundo Canastro é o responsável pelas articulações das ações em Monte Lavre. Deste trabalho surgem novos sujeitos atuantes, que, de alguma forma se ligam organicamente a determinadas tarefas políticas, tornando-se, assim, sujeitos que transformam pensamentos e, muito mais lentamente, é claro, relações de trabalho. No entanto, é válido ressaltar que a condição primordial do capitalismo - concentração de renda e produção de miséria - se modificará lentamente, porém algo muda uma vez que novos sujeitos se apresentam, novas ideias surgem e novas formas de enfrentar o capitalismo se potencializam ou, pelo menos, tendem a surgir.

### **3.2 – Configurações do espaço narrativo: o latifúndio e os homens**

A história do latifúndio português remonta aos tempos da reconquista. Terminada a guerra contra os árabes, no século XII, os conquistadores dividiram as terras entre si, o que acabou por criar uma grande concentração destas nas mãos da igreja, dos nobres e das ordens militares. Tal concentração de terras se manteve até o século XIX, período da revolução

---

<sup>46</sup> Idem, p.15.



liberal, quanto tais terras foram postas a venda. Como se pode depreender, as terras passaram a pertencer a burguesia emergente, contra as quais não havia a menor possibilidade do trabalhador rural competir. Contudo, um fator importante à consolidação do latifúndio foi a partilha das terras comuns. Explica A. de Vale Estrela:

A transformação operada pela revolução liberal que mais afectou a vida dos trabalhadores e pequenos agricultores e que também contribuiu para a consolidação dos novos latifúndios nas mãos duma nova oligarquia foi **a partilha das terras comuns** (...).

Depois da revolução liberal, as terras comunais foram divididas pelos habitantes das aldeias (...).

**Os ricos, que já controlavam os municípios e desde há muito tinham monopolizado o uso das melhores terras comunitárias, tiraram partido da divisão das terras comuns para torná-las sua propriedade pessoal.** Em geral, os pequenos agricultores e trabalhadores agrícolas não podiam chegar ao preço dos foros, que muitas vezes era exagerado pelos proprietários. Por outro lado, os pequenos agricultores precisavam das terras para produzir bens de subsistência, e não produtos para venda, e por isso não conseguiam fundos para pagar o preço de compra. **Quando os foros não eram pagos, as câmaras confiscavam-nos e revendiam-nos em hastas públicas a que os latifundiários em ascensão também tinham acesso.** Noutros casos, como a venda de quinhões podia proporcionar um lucro imediato ou a obtenção de dinheiro, eram os próprios agricultores e trabalhadores que vendiam os seus lotes a grandes proprietários, que assim iam progressivamente aglutinando a

Em *Levantado do Chão*, o latifúndio nos é apresentado como um espaço imutável cujas relações sociais foram cristalizadas. Das paragens medievais até o meados do século XX nada mudara: infinitas terras, pouquíssimos e poderosos donos. As diversas tentativas de reforma agrária, cada qual a seu modo de acordo com o seu tempo, mostraram-se frustradas e o espaço da narrativa apresentado pelo romance tem predominantemente o latifúndio que pertence a antigas famílias tradicionais, cujas terras são cultivadas de modo sazonal por trabalhadores assalariados sem direito algum.

Ao contrário do que muitos pensam, reforma agrária nada mais é do que uma transformação no campo realizada quando da passagem de uma economia feudal para uma economia capitalista. Assim, este fenômeno histórico pertence ao que chamamos de revolução burguesa. Tal transformação no campo, teorizada por Marx na segunda seção no livro III, só vai realmente encontrar um estudo mais aprofundado nos escritos de Lenin. Este, refletindo sobre a questão russa, quando da transição ao capitalismo propunha dois modelos que poderiam ser seguidos, chamado por ele de vias: uma seria a “via prussiana”, tendo como modelos o ocorrido na Alemanha, da qual a transformação se deu a partir de aliança de classes e reformas, o que resultou em prejuízo aos trabalhadores, pois se viram em situação de submissão absoluta à burguesia emergente proprietária de terras, ao mesmo tempo em que dificultara ao máximo a organização dos trabalhadores no

---

<sup>47</sup> VALE ESTRELA, A. de. A reforma agrária portuguesa e os movimentos camponeses. Uma revisão crítica. In. *Análise Social*, 1978, vol. XIV, (54).

campo. A outra via, baseada na experiência norte-americana, e vista por Lenin como modelo a ser seguido na Rússia de seu tempo, tornou, segundo o autor, dissolvidos os latifúndios por conta da guerra civil. No caso português, podemos dizer que, mesmo com a ocorrência de um conflito bélico, o liberalismo se instaura verdadeiramente a partir de reformas, seguindo, na terminologia de Lênin, a “via prussiana”.

Gramsci, ao abordar a questão italiana, verifica que as massas populares se puseram à margem do processo revolucionário, algo que, no fim das contas, as privou de um elemento constitutivo fundamental, que foi a reforma agrária. A tal movimento político, Gramsci chama de “revolução passiva”, feita de cima, realizada única e exclusivamente para atender aos interesses de um seguimento social. Não é de se estranhar então que, o principal espaço desenhado pelo romancista em suas páginas iniciais se mostre ao mesmo tempo tão imenso e tão despovoado. É que as pessoas ficaram as margens, e, como sabemos, ao sul de Portugal, em Monte Lavre, mais especificamente, a concentração de terras se deu de maneira mais acentuada, tornando assim as condições de vida do trabalhador, tremendamente prejudicadas.

O romance apresenta pelo menos dois espaços nitidamente demarcados: latifúndio e cidade. Durante o relato das desventuras de Domingos Mau-Tempo a impressão que temos é a de que o latifúndio é o mundo. Este sujeito inquieto, viajante, circula em sua jornada pelos mais diferentes espaços, contudo, não se distancia dos arredores do latifúndio. Por mais que se viaje, a paisagem é sempre a mesma, as pessoas e suas condições de sobrevivência são iguais, nada muda nas paisagens deste ir e vir

de Domingos Mau-Tempo. O espaço apresentado se limita aos marcos do latifúndio. Assim, diante de um quadro de desespero, há ainda por cima uma impossibilidade de mudança, pois, claustrofobicamente, tudo é o mesmo, igual, em todo canto.

Tal contexto se mantém no romance até a idade adulta dos filhos de Domingos, pois, Maria da Conceição, irmã de João, passa a trabalhar em Lisboa, em uma casa de família. Porém, não significa isso integração com a cidade, pelo contrário, apresenta um trabalho muito análogo ao da escravidão. Um fato que demarca com muita força a questão espacial é o não pertencimento do camponês ao espaço urbano. Quando da prisão de João Mau-Tempo, sua companheira Faustina vai ao seu encontro em Lisboa. Perdida, sem informações, humilhada, quase não realiza a visita pois se perde na cidade e se atrasa, tendo que contar com a “benevolência” do guarda que a atende. Desta forma, a cidade se apresenta de modo extremamente negativo, sendo o espaço da prisão, da violência, da discriminação. Um lugar ainda negado aos de Monte Lavre.

Dos filhos de João Mau-Tempo, Antônio é aquele que se lança ao mundo, que viaja e traz para os seus as notícias e os casos ocorridos ao longe. É o viajante que se enche de experiências e as conta para aqueles que permanecem em terra. Vai a França, serve na tropa, conhece outros lugares e pessoas, assim, tem um aprendizado diferente, o que lhe servirá para processar também em outros espaços um conhecimento de sua real inserção social que se revelará nas futuras revoltas contra o sistema, o que o levará a protagonizar, inclusive, levantes entre os militares diante de injustiças cometidas contra os soldados.

Em relação ao latifúndio, veremos que há também uma oposição entre o espaço dos trabalhadores, materialmente precário, com poucas condições, contrastando com a opulência e a segurança dos proprietários. Tomando como exemplo a casa em que iriam morar Manuel Espada e Gracinda Mau-Tempo após casados, podemos ter uma ideia das condições das moradias.

**Casa, têm, a que cabia no bolso que a havia de pagar, tão pequeno o bolso, tão pequena a casa, de renda, (...), a vontade até é disfarçar, Moro por aí, em qualquer lado, e jogar aos quatro cantinhos ou ao trapo queimado, salvo se isso são jogos de escola e de cidade, para que não saiba ninguém onde moro, nesta casa que é só parede e porta, uma divisão em baixo e outra em cima, uma escadinha que treme quando lhe ponho o pé, e o lume apagado quando estivermos ausentes. Vamos morar nesta encosta de Monte Lavre, dentro deste quintalito, não chega o espaço para levantar a enxada se quisermos cultivar nele um pé de couve(...). Dormiremos em baixo, na cozinha, que o não será quando, por estarmos deitados, for quarto de dormir, que também isto não será quando estando nós levantados, que nome terá, cozinha se estivermos cozinhando, casa de costurar quando estiver Gracinda Mau-Tempo passajando a roupa, e eu olhando as colinas em frente (...).**<sup>48</sup>

A moradia, portanto, dependia exclusivamente da renda. No caso dos trabalhadores, seus ganhos mal eram suficientes para a sobrevivência por isso

---

<sup>48</sup> SARAMAGO, José. Levantado do Chão. São Paulo: Bertrnd Brasil, 2010, p.216-217.

a casa tinha que ser do "tamanho do bolso". Um local arrendado, afastado e muito pequeno, um único cômodo para atender todas as necessidades da família - seja ela pequena ou não. A contradição social, portanto, se desenha também através do espaço pois, em oposição ao cômodo da família, existe o espaço do campo, a imensidão do latifúndio, espaço maior garantido paradoxalmente pelas mãos que habitam o cômodo.<sup>49</sup>

E, contrapondo-se à pobreza do camponês, a opulência de mais um Berto:

Em casa de Norberto, as senhoras tinham as delicadezas do sexo, bebiam seu **chá**, faziam sua **malha** e eram **madrinhas** das filhas dos criados mais próximos. **Sobre os canapés da sala demoravam-se as revistas de modas, ai Paris, aonde estava decidido que a família iria mal acabasse a estúpida guerra** que, entre outros danos de maior e menor grandeza, lhes viera atrasar o projeto. Enfados que não está em nossa mão evitar. E o idoso Norberto, **quando ouvia o seu capataz dar-lhe notícias do andamento dos vários trabalhos da terra**, num mastigar de palavras que tinha por fito valorizar o fiscal, impacientava-se como se estivesse a ler na gazeta os comunicados da guerra.<sup>50</sup>

Muito diferente da moradia de Gracinda e Manuel Espada, aqui o que

---

<sup>49</sup> Ao longo do romance muitos elementos que são recorrentes nos estudos que Marx empreendeu ao reelaborar a teoria do valor-trabalho são vivenciados pelos personagens alentejanos. Por mais que possam ter sido colocadas ao largo nestas últimas décadas por ideólogos de plantão, as explicações que dão conta da produção e circulação de mercadorias a partir da extração de mais-valia ainda são válidas e consistentes e, até os dias atuais, são ainda estas que explicam justamente o que possibilita a existência do quadro social descrito acima, não só em Portugal, mas ao redor do mundo.

<sup>50</sup> SARAMAGO, José. Levantado do Chão. São Paulo: Bertrnd Brasil, 2010, p.54-55.

vemos é um dimensionamento amplo, que dá margem ao conforto e à exuberância. Aliado ao espaço do latifúndio, enormes por si mesmas, temos as casas dos patrões, idênticas em qualquer parte do mundo, seja no campo e/ou na cidade. Nos quatro cantos do mundo encontravam as mesmas regalias do bem-viver burguês. O ócio, propício ao chá ou a fazer “malha”, contrasta com a vida miserável do trabalhador que se lança às longas jornadas de trabalho. Revistas de moda, o canapé da sala, viagem a Paris, são projeções de um universo à parte dentro do contexto de vida dos camponeses. Maria Adelaide, irmã de João Mau-Tempo, trabalha em uma casa de família, da qual, um destes Bertos, patrão no campo, também se encontra na cidade, questão simples de se entender se lembrarmos que Portugal neste tempo ainda mantinha um lento processo de industrialização, sendo seus principais proventos advindos da produção rural. Assim, aqueles que detinham a renda rural, acabavam por formar a classe dominante citadina do período. Contudo, mesmo mantendo uma estrutura fundiária que remetia aos tempos feudais, o sistema de exploração capitalista se organiza em território português também. Todos os trabalhadores são “livres”, sem terras e submetidos aos instrumentos e modos de produção a partir da contratação mediante salário.

Assim, os dois quadros em que as condições de vida dos polos sociais se encontram retratados, explicam-se a partir de um entendimento das relações econômicas advindas de tal meio. A renda fundiária, assim como qualquer outra espécie de lucro realizado em uma economia capitalista, se dá única e exclusivamente a partir da apropriação por parte do proprietário de uma parte não paga do trabalho realizado. Esta parte, a que chamamos de mais-valia, se torna maior à medida em que se torna possível encontrar um

coeficiente entre a sobrevivência e a manutenção do sistema.

Assim, os trabalhadores não podem morrer de fome, pois eles mesmos são responsáveis pela produção e pela obtenção dos lucros por parte do capitalista. Porém, quanto menos receberem, maior será o processo de acumulação de renda realizado pelo capitalista. No romance, todos os trabalhadores viviam no limite da pobreza absoluta, com relatos de mortalidade infantil, fome e significativo índice de desemprego. Contudo, diante da escassez, um ou outro trabalho aparecia, à medida que se faziam necessárias novas colheitas. Os trabalhadores se viam obrigados a aceitar as condições de contratação, mesmo que estas fossem somente favoráveis ao contratante. Apenas assim podemos entender como uma população inteira pode ser entregue ao abandono. Pois só deste modo se garantem as regalias da burguesia, mesmo que para isso se faça necessário o uso da repressão, da alienação e da ocupação de territórios estrangeiros e, em tempos de crise, da própria queima de excedentes por meio da guerra, tantas vezes relatada no romance. Outro aspecto relevante é o comércio.

Os trabalhadores, assalariados, assim, também definidos enquanto preço, se tornam mercadorias e, enquanto tais, são comprados em sua força de trabalho, e, a partir do que recebem, e quando recebem, precisam negociar a aquisição de alimentos que garantam sua subsistência. Ou seja, mesmo que rudimentar, as relações se dão a partir de um sistema econômico já estabelecido, um capitalismo pleno. Nas seguintes passagens, é possível perceber as tensões sociais expressas:

la a mulher ao merceeiro e requeria, Faz favor, por causa do mau tempo. Ou então dizia a mesma coisa por outras palavras,



começando da mesma maneira, Faz favor, fie-me lá o resto do avio porque esta semana o meu marido não ganhou nada por não haver trabalhado (...). E o merceeiro, batendo com o punho na costaneira, repondia, Essa conversa já eu ouço há muito tempo, depois passa o Verão e fica cá o cão a ladrar à mesma.<sup>51</sup>

Assim, se há no texto uma tensão discursiva que se apóia nos conflitos de classe típicos de sociedades capitalistas, é na organização do espaço do latifúndio e suas tensões dialéticas onde isso também se expressa. Podemos afirmar que no romance *Levantado do chão*, o espaço é o responsável pelas dinâmicas sociais apresentadas e o grande eixo por onde os embatem se cristalizam - dentro e fora da ficção. É a fonte de subsistência dos tabalhadores e a fonte de renda dos proprietários, é o espaço de luta por manutenção da posse da terra, ao mesmo tempo em que se mostra enquanto espaço de resistência e de organização política por parte dos trabalhadores.

Deste modo, toda e qualquer transformação das relações sociais aqui retratas depende da forma como vão se dar as condições históricas para a mudança, tanto no que diz respeito ao desgaste do modelo realizado até então, quanto nas condições de organização do próprio trabalhador para operar tais mudanças. No caso, como estamos tratando de uma obra ficcional, podemos compreender a representação de tal fazer histórico como uma articulação entre espaço e tempo da narrativa.

---

<sup>51</sup> SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. São Paulo: Bertrnd Brasil, 2010 82p.

### 3.3 - O percurso do tempo: entre o tempo mítico<sup>52</sup> e o materialismo histórico

Mircea Eliade, ao trabalhar com mitos relacionados aos povos antigos, observou que uma característica comum era a de que a percepção do tempo se dava a partir da observação de fenômenos anuais demarcados principalmente pelas épocas de colheita e plantio, aliada aos ciclos lunares, constituindo, assim, uma forma cíclica de se entender a passagem do tempo. Aliado a ritualização de determinadas fases, conseguiam com isso uma espécie de eternização do tempo, fazendo com que a história parasse, ou mesmo, deixasse de existir, pois atuavam em termos de previsibilidade, o que é, já foi e continuará sendo para sempre.

Em *Levantado do Chão* uma série de elementos que constituem principalmente a primeira metade do romance remetem a uma instância temporal demarcada por uma espécie de não historicidade. O romance nos apresenta um ir e vir entre o passado remoto e o presente, sem contudo demonstrar qualquer mudança relevante entre as relações sociais ali presentes. Muito pelo contrário, o que temos são os Bertos, que, desde Humberto, o alemão, dominam da mesma forma a terra, de épocas medievais até o século XX. Há a família Mau-Tempo que simbolicamente representa as

---

<sup>52</sup> O termo “tempo mítico” é aqui utilizado não como descrição dos processos históricos reais, concretos, do período, mas enquanto construção ficcional que se utilizando de recursos que remetem à conservação e à manutenção de uma ordem e solidificação da mesma, a transformam em uma recorrência temporal que pode ser associada ao tempo mítico estudado por Mircea Eliade. Portanto, não pretende este trabalho afirmar que o tempo vivido pelos trabalhadores portugueses seja semelhante aos das sociedades primitivas, e sim afirmar que a forma de sentir o tempo (psicologia da construção narrativa ficcional) é construída de maneira análoga àquela pelo escritor.

carências materiais do campo e cuja história de origem está ligada a um estupro em tempos ainda de Humberto Alemão. Acontecimento que será sempre lembrado pelas gerações seguintes por conta dos olhos azuis que de tempos em tempos reaparecem no núcleo familiar dos Mau-Tempo.

Desta forma, é possível depreender que os fatos históricos perpassam a narrativa, porém, não as historicizam, não deixam marcas no tempo mitificado das personagens. Chega a república, ou melhor, a informação sobre a república, porém os trabalhadores e trabalhadoras “comiam o mesmo pão de bagaço, os mesmos farrapos de couve, os mesmos talos”.<sup>53</sup> “O trono caíra, o altar dizia que por ora não era este reino o seu mundo, o latifúndio percebeu tudo e deixou-se estar”,<sup>54</sup> ou seja, “entre o latifúndio monárquico e o latifúndio republicano não se viam diferenças e as parecenças eram todas, porque os salários, pelo pouco que podiam comprar, só serviam para acordar a fome”.<sup>55</sup> Mesmo as tentativas de se mover o tempo através de pedidos, solicitações, eram interditas, pois os patrões também estavam no controle do Estado, configurando assim uma apropriação daquilo mesmo que seria público pelo privado. O mesmo Lamberto Horques, latifundiário, é o Administrador.

As condições históricas só encontrarão possibilidades de mudança depois dos primeiros movimentos de greve quando uma certa tomada de consciência parece surgir na geração de João Mau-Tempo. É somente neste ponto que os sujeitos se tornam protagonistas de um fazer histórico, dando início, assim, à transformação das relações impostas até então. O tempo, por

---

<sup>53</sup> Idem, p. 33

<sup>54</sup> Idem, p.33

<sup>55</sup> Idem, p.34

assim dizer, é mediado pelas relações sociais, principalmente por dois elementos que vão instaurar um novo modo de se fazer o histórico, ou seja, a partir das lutas de classe e das novas relações que se estabelecem com os modos de produção. Assim, no momento da greve, temos a dissolução do tempo cíclico, e passamos gradualmente para um tempo dinamizado pelas contradições.

Apesar de já permear o conteúdo do panfleto *O manifesto do partido comunista*, uma formulação mais elaborada do que viria a ser conhecido por materialismo histórico só vem a luz nos estudos realizados por Marx e Engels no livro *A ideologia alemã*.<sup>56</sup> Os autores, ao polemizarem com alguns de seus pensadores contemporâneos e desqualificarem de forma contundente o idealismo destes, estabelecem enquanto pressuposto teórico e metodológico “os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas que eles já encontram elaboradas quanto aquelas que são o resultado de sua própria ação<sup>57</sup>”. A história se dá a partir do homem natural e sua relação de transformação em relação ao meio. E é a partir desta relação que se desenvolvem todas as relações sociais, desde as mais simples, até as mais complexas, envolvendo a divisão social do trabalho em sua forma mais ampla e seus desdobramentos, em conexão com o estabelecimento de sociedades cada vez mais complexas.

Assim, histórico não é aquilo que é fruto da consciência iluminada de alguns, mas o que se constitui a partir das relações humanas com a própria

---

<sup>56</sup> Note-se que este livro não foi publicado em vida pelos autores, contudo, comportam e apresentam-se nele claramente os acúmulos teóricos e filosóficos pelos quais Marx e Engels passarão a desenvolver seus debates e publicações.

<sup>57</sup> ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Claret, 2005.

natureza e entre os próprios homens. Segundo Marx e Engels, “essas condições de existência, que as várias gerações encontram já prontas, decidem também se as convulsões revolucionárias que periodicamente se repetem na história serão ou não fortes o suficiente para subverter as bases do que existe”.<sup>58</sup> Desta forma, quando chega a República, momento aguardado sobretudo pelos trabalhadores, instigados pelas promessas das campanhas liberais, há uma grande desilusão ao perceberem que as condições de vida de quem trabalha permanecerão as mesmas. Em relação ao fim do romance, com o advento da Revolução dos Cravos, a dinâmica se mostra completamente diferente e o sentimento de frustração agora é dos proprietários. Se, em princípio, os proprietários ainda se viam articulados com o poder, capazes de intervir a partir da proibição das colheitas, imaginando ainda poder contar com as esferas do poder estatal, deparam-se com uma nova conjuntura política, em que, mesmo em Monte Lavre, uma nova organização dos trabalhadores parece, de fato, começar a ganhar força.

Os estertores finais do poder dos latifundiários provocam uma espécie de prestação de contas: ao invés das certezas eternas, confirmadas tanto pela polícia, quanto pelo padre Agamedes, surgem as dúvidas em relação aos novos horizontes de funcionamento do sistema social uma vez que Lamberto Horques, antes imponente, agora, está impotente diante dos novos desdobramentos históricos.

“Toda a dinastia de Lamberto Horques está reunida em cortes, ou sentada ao redor de suas távolas redondas, carregados os sobrecenhos, torvos os aspeitos, os menos arrenegados lançam

---

<sup>58</sup> Ibid, p. 66.

frases dubitativas e cautelosas, se, não obstante, todavia, contudo, talvez, está é a grande unanimidade do latifúndio”.

O tom é de derrota para Bertos. A dúvida remete a incredulidade. Até mesmo o onipotente Agamedes, quando questionado, “responde por parábolas<sup>59</sup>”, por não ter o que dizer, repete frases feitas, com sentido esquivo, afirma que “o nosso reino não é deste mundo”, ou “dai a César o que é de Cesar<sup>60</sup>”.

Em casa de Norberto, a guarda, representada pelo cabo Tacabo, que durante a narrativa obedeceu todos os desmandos de seus patrões, com todo o arsenal de violência disponibilizado pelo Estado, agora “pouco consta, senão que está discreta, de bons modos e a espera de ordens”. Ordens estas que advém de um governos renovado, agora, com perspectivas realmente democráticas. É interessante observar a expressão de medo do cabo Tacabo em função das possíveis reações dos trabalhadores: “Estes homens que o miram e o seguem de longe, não que ele tenha medo, um cabo da guarda nunca tem medo”. O tom irônico é evidente.

Desse modo, aos poucos se deflagra uma articulação entre a reconfiguração espacial e a dinamização do tempo. O romance se organiza sobretudo em torno da história de Domingos Mau-Tempo - uma vez que um terço do romance narra as suas desventuras - para então ocupar-se da geração de João e a de seus filhos. Há nesta construção uma distensão

---

<sup>59</sup> SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. São Paulo: Bertrnd Brasil, 2010, p. 352.

<sup>60</sup> *Idem*, p. 352.

temporal em que tudo é lento, moroso, interminável. O capítulo em que Domingos Mau-Tempo chega a São Cristóvão com sua família pode servir como um bom exemplo da dinâmica de condução do romance, em que uma chuva ininterrupta, lenta, amplia o sofrimento da família, em um quadro em que a lama, os móveis sendo danificados, o frio, a água sempre a cair, tornam os passos, o empurrar da carroça e o andar do animal pesados e lentos.

O momento da prisão dos grevistas, quando os mesmos não sabiam ao certo que destino seria dado a eles, e a espera, os olhares, os interrogatórios, os cadernos em branco, que em branco são devolvidos aos agentes, mantém a narrativa num ritmo lento, vagaroso, como se o tempo, de fato, custasse muito a passar. O mesmo pode ser dito em relação à prisão e à tortura de João Mau-Tempo em Lisboa. As viagens de carro, a prisão, as pancadas, tudo muito demorado e difícil. Estas distensões temporais ajudam a compor um tempo que, durante o percurso de Domingos Mau-Tempo não se desenvolve, é estático, em princípio, e, a partir de João Mau-Tempo, começa a movimentar-se, iniciando um processo de mudança, ainda bastante lento, com um acelerar gradual ao longo da narrativa, mas finalmente algum movimento.

Este tempo, em termos semióticos, é considerado eufórico em relação aos proprietários, e disfórico em relação aos trabalhadores. Greimas, quando concebeu a ideia inicial das tensões semióticas, trabalhou com o formato do quadrado lógico, em que, a partir de oposições, o nível profundo de qualquer manifestação semiótica se organizaria. Em *Levantado do chão*, tal procedimento é perceptível em vários níveis, destacaremos, então, o percurso dos proprietários a partir da oposição entre o poder político e a riqueza do passado adquiridos por eles desde tempos imemoriais, e a perda desse

mesmo poder pela perda concomitante de suas terras, valor de sua riqueza. Sob esse ponto de vista, apresenta-se, então, o percurso disfórico na medida em que essa classe dominante perderá seus bens no final. No caso dos trabalhadores, ocorre o inverso, desencadeia-se um percurso que ainda oscilará entre a opressão mas também com a potencial liberdade estampada no horizonte após a Revolução dos Cravos e essa liberdade, seguindo as análises greimasianas, representaria, então, o aspecto eufórico sob o ponto de vista dos trabalhadores.

Podemos assim indicar três momentos no romance levando em consideração nossos apontamentos sobre a dimensão temporal: um primeiro cíclico, semelhante ao tempo mítico, em que as situações se eternizam, são sempre as mesmas, tendo como exemplo maior a geração de Domingos Mau-Tempo. Um segundo momento em que apesar de uma lentidão ainda expressa, já se articulam explicitamente as contradições sociais, bem como a luta de classes por meio de um conhecimento adquirido e que leva às possibilidades concretas de realização de uma outra organização social. E uma terceira, demarcada pela ruptura total, tanto por parte daqueles que antes detinham o poder e a terra, quanto por parte dos trabalhadores que, agora, em forma de conquista, buscam a emancipação por meio da ocupação daquilo que seriam os meios de produção: a terra e os instrumentos de trabalho. Esta terceira parte recebe do autor pouco mais de três páginas. É certo que não é objetivo do romance ultrapassar os limites históricos compreendidos entre os adventos da República até a Revolução dos Cravos. Contudo, é preciso notar alguns traços que são relevantes para a sua compreensão, pois, podemos retirar outros elementos significativos em relação ao formato sintético do



fechamento da narrativa. Para este trabalho discutiremos dois elementos que, articulados, podem servir como uma conclusão das reflexões realizadas até o momento.

O primeiro deles é a dimensão dialética da estrutura do romance. Vale destacar que, desde o início da obra, as contradições de classe vão permeando a narrativa e aos poucos se constituindo aos olhos das personagens. A tentativa por parte da classe dominante em manter o mesmo modelo de exploração, garantida sob a forma opressão, entra em conflito com a necessidade de liberdade do trabalhador e isso se manifesta no plano narrativo a partir das tensões estabelecidas dentro de um certo ordenamento temporal. Destaca-se, então, uma significativa tensão ao longo do romance entre o que é estático e permanente e o que é dinâmico e transformador. Este tensionamento proposto, portanto, retoma preceitos básicos do materialismo histórico e inevitavelmente a lutas de classes. Sob esse aspecto, valeria retomar a introdução de Engels escrita em 1892 para o seu texto *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, Engels afirma:

A concepção materialista da história parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz e

pelo modo de trocar seus produtos.<sup>61</sup>

Assim, parece-nos, em *Levantado do chão* estão presentes as marcas de um materialismo histórico que procura ser pensado a partir do contexto social português. José Saramago trabalha com um fenômeno clássico estudado por Marx e que diz respeito às transformações sociais comuns a diversas sociedades historicamente constituídas. Tal fenômeno leva em conta o esgotamento e/ou as crises de determinadas estruturas sociais que, sem condições de se sustentarem nem política nem ideologicamente, acabam por propiciar períodos em que as revoluções se tornam uma realidade. No romance em questão, a tensão dialética que se aprofunda ao longo da narrativa encontra nas páginas finais sua síntese: a ocupação das terras, novas instituições de governo e novas articulações ideológicas - ainda que esta realidade não tenha conseguido se afirmar de fato pouco tempo depois.

Em segundo lugar, há um outro elemento significativamente interessante e diretamente implicado com a organização dialética da narrativa que é a manipulação subjetiva do tempo em termos da tensão que se dá em forma de distensão, um processo narrativo lento que, ao longo do romance, ganha intensidade. É de se notar que nas páginas finais que servem de síntese ao romance, a intensidade do tempo é outra refletida nas três poucas páginas que encerram o romance. Podemos afirmar que não se trata apenas do limite histórico do romance, portanto, mas o resultado de séculos de luta de classes.

---

<sup>61</sup> ENGELS, F. Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, Karl e ENGELS, F. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, 1975, p. 44.

Este último capítulo inicia-se já em movimento: “No mar interior do latifúndio, não pára a circulação das ondas”. Enquanto no primeiro: “O que mais há na terra, é paisagem”. Se no início nada se move, aqui, tudo é movimento e turbulência. Do encontro de Manuel Espada, Sigismundo Canastro e Antônio Mau-Tempo, aliando-se a outros trabalhadores e trabalhadoras, - Maria Adelaide Espada é uma das lideranças,- vem a decisão de que, no período de duas semanas, ocorreriam as ocupações dos latifúndios. “Amanhã, às oito horas, todos os trabalhadores, estejam eles onde estiverem, montam-se nos atrelados, **vamos ocupar**”. Está decretada a sentença. A síntese dialética de séculos de opressão se resume neste capítulo final, no qual, tudo acontece demasiadamente rápido. Se a narrativa inicia-se com chuva, termina em sol, um “sol de justiça”. São mil homens e mulheres que ocupam as propriedades, “é dia de revolução”.

E nesta caminhada de incontáveis homens e mulheres, também estavam os seus mortos "neste dia levantado e principal".

#### **4. Considerações finais**

A produção literária de José Saramago organiza-se a partir de um eixo central que está presente sistematicamente nos romances publicados e se baseia nas aproximações sempre possíveis entre o campo da ficção e o campo das ciências sociais e humanas. Sem dúvida, a partir de tais articulações, o autor propõe não só uma leitura mas também uma certa compreensão da realidade social portuguesa ao longo de décadas. Em *Levantado do chão*, o autor nos remete às peculiaridades relativas ao trabalhador rural português durante grande parte do século XX.

A leitura de *Levantado do Chão* partiu, portanto, da análise discursiva tendo como objetivo entendermos a dinâmica em que emergem deste texto ficcional as vozes sociais, como se contrapõem nos embates cotidianos de uma estrutura política e econômica capitalista e as diferentes classes sociais que compõem a estrutura social camponesa alentejana. As vozes narrativas que se destacam ao longo do romance, portanto, surgem de diferentes setores daquela sociedade, sob perspectivas ideológicas tensionadas, e nos revelam a dinâmica da luta camponesa desde a sua fundação.

Em contrapartida, o romance procura dar conta também dos discursos conservadores, aliados ao poder econômico e político hegemônicos, cristalizados juntamente com a exploração econômica dos trabalhadores. Assim, dialeticamente, aparecem retratados no texto lado a lado aos discursos dos camponeses, o discurso das classes dominantes e nessa tensão, vale lembrar, vemos a ascensão do discurso contra-hegemônico que João Mau-Tempo desencadeará.

Assim, a fundamentação teórica orientou-se, primeiro, pela leitura do romance que nos levou à compreensão das possibilidades de análise a partir da semiótica mas sobretudo do materialismo histórico, e, em segundo, pelas sempre instigantes inquietações - reveladas em muitas de suas entrevistas e conferências - do próprio escritor. Se, ao longo do romance, nos encontramos com sujeitos em situação de opressão, e, a partir de suas trajetórias, somos remetidos a movimentos de conscientização e de organização das lutas coletivas, podemos inferir que tais características fazem parte de um legado político maior e que se constitui não só por meio das relações históricas implicadas, mas pela própria escrita de Saramago ao dar vida e voz, na ficção,

àqueles que, como ele, estavam nas bases da pirâmide social portuguesa . A experiência de João Mau-Tempo e seu pares seria o exemplo maior dessa experiência do campo colhida pelo escritor: *Assim como se eu tivesse que agarrar naquela gente que foram os meus avós, os meus pais e os meus tios, essa gente toda, analfabetos e ignorantes, e tivesse que escrever um livro.*

*Levantado do chão* é o romance em que se inicia não só uma escrita segura e um grande romancista, mas uma escrita atenta e sempre cuidadosa em relação às desigualdades do mundo. Vale, então, lembrar Almeida Garrett citado por Saramago na epígrafe deste romance:

E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infância, à ignorância crapulosa, à desgraça inevitável, à penúria absoluta, para produzir um rico?

## **5 - Bibliografia**

### **5.1 - Do Autor**

SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

----- . *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

----- . *Levantado do Chão*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2010.

----- . *A jangada de Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

----- . *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

----- . *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

----- . *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

----- . *Ensaio sobre a Lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

----- . *Manual de Pintura e Caligrafia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

----- . *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2003.

----- . *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

----- . *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

----- . *O homem Duplicado*. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

----- . *Todos os Nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

----- . *As Intermitências da Morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

----- . *As Palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

## 5.2 - Teórico-metodológica

ABDALA J. *Fronteiras múltiplas e hibridismo cultural: novas perspectivas ibero-afro-americanas*. São Paulo: SENAC, 2002.

----- . *De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

----- . *Literatura, História e Política. Literaturas de Língua Portuguesa no Século XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

BAKHITIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso. Fundamentos Semióticos*. São Paulo: Atual Editora, 1988.

----- . *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BAUMAN, Zigmund. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005, 5ª edição.

BIANCHI, Alvaro. *O Laboratório de Gramsci. Filosofia, História e Política*. São Paulo: Alameda, 2008.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

----- . *Cultura e Democracia*. São Paulo: Cortez Editora, 9ª edição, 2001.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci, um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

EAGLETON, Terry. *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 43ª edição, 2006.

FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964. Discurso e Ideologia*. São Paulo: Atual Editora, 1988.

----- . *As Astúcias da Enunciação. As categorias de Pessoa, Espaço e Tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

----- . *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.



-----; SADER, Emir (org). *Poder, Política e Partido*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GREIMAS, A. J. *Semântica Estrutural*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

HOSBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX - 1914 - 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

----- . *O Programa Agrário da Social-Democracia na Primeira Revolução Russa de 1905-1907*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

----- . *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LEPRE, Aurélio. *O Prisioneiro. A Vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LICHTHEIM, George. *As Ideias de Lukács*. São Paulo: Cultrix, 1973.

MANDEL, Ernest. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Textos. Volume I*. São Paulo: Edições Sociais 1975.

MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

----- . *O Capital. Edição Resumida*. Resumo dos três volumes por BORCHARDT, Julian. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

-----*Os Economistas. Karl Marx*. São Paulo, Nova Cultural, 1986.

-----;ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SAID, Edward W. *Representações do Intelectual. As conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade*. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil. Recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *Gramsci e a Revolução*. São Paulo: Editora Alameda, 2006.

\_\_\_\_\_. *Retorno a Gramsci*. São Paulo: CTE Editora, 2010.

SILVA, João Céu. *Uma longa viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora, 2008.

TATIT, Luiz. Abordagens do texto, *Introdução a Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

WILLIANS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.